

LUB 33

Histórias Maçônicas

Israel de Jesus Lisboa
Sebastião Maurício dos Santos
Ubaldo Cesar Balthazar



Histórias Maçônicas

LUB 33

Histórias Maçônicas

Israel de Jesus Lisboa

Sebastião Maurício dos Santos

Ubaldo César Balthasar

2013

letrasbrasileiras

Ficha Catalográfica

A large, empty rectangular box with a thin black border, intended for the catalog card information.

Este livro é dedicado aos familiares dos maçons da Aug.: Resp.: Ben.: e Benfi.: da Ordem, Loj.: Simb.: União Brasileira nº 2085.

Às esposas, nossas cunhadas, que mais contribuem com tolerância e desapego face à ausência de seus consortes nas noites de terça-feira é dirigido nosso especial carinho e o reconhecimento de seus méritos como fontes impulsionadoras de nossa força interior.



O mundo talvez não mude, mas você pode mudar.



Agradecimentos

Nosso especial agradecimento a todos os Iir.: da Loja União Brasileira que atenderam à solicitação do Ven.: M.: Sebastião Maurício dos Santos e esmeraram-se em preparar seus depoimentos para ilustrar este livro inicialmente previsto para a comemoração dos 30 anos da Loja.

O M.: I.: Sebastião Maurício é o autor da ideia de se escrever este livro. A ele, nossa maior gratidão. Porque revelou-se também grande colaborador e seu entusiasmo contagiou a todos.

Aos nossos familiares, com destaque às esposas de cada um dos envolvidos na elaboração desta obra, fica também nosso pe-nhor por seu apoio em todos os momentos e por nos terem ajudado com suas sugestões e incentivo desinteressado e generoso.



Sumário

Apresentação	15
Introdução	17

CAPÍTULO I

Os primórdios da Loja União Brasileira nº2085	19
A fundação	19
A história do Rito Brasileiro	21
Homenagem a Mário Dezerto da Silva.....	27
Diplomas e certificados	29

CAPÍTULO II

Sobre o rito brasileiro e a maçonaria	31
A hierarquia dos graus no Rito Brasileiro	31
Conflitos a conciliar	32
Datas festivas no Rito Brasileiro	32
Algumas das perguntas Respostas mais comuns de neófitos e leitores não maçons.....	33

CAPÍTULO III

Histórias maçônicas	37
Os hinos do Rito Brasileiro no gravador à pilha	37
A procura por um templo	38
Éramos doze	39
A cápsula do tempo.....	41
As cadeiras no Templo.....	42
O avental histórico de Mestre Instalado.....	42
A criação da APJ – Ação Paramaçônica Juvenil.....	43
A Ordem da Rosa de Saron.....	44
O Fundo de Beneficência	45

CAPÍTULO IV

Depoimentos.....	47
Do terrível ao maravilhoso.....	47
Tchau não! Vem cá!	48
Três histórias e uma venerabilidade.....	51
Como encontrei a Maçonaria	53
O Espírito de fraternidade na Loja União Brasileira	55
Os símbolos têm vida.....	56
A Iniciação, um marco em minha vida	59
Uma Loja de União	62
A Exaltação de um irmão especial	65
Família e Maçonaria ou família maçônica?	69
Pedra bruta a polir.....	71
Um maçom em gestação.....	72
Como ser mais fraterno e tolerante.....	75
Uma história de pescaria	76
Uma vida na Maçonaria	78
Obreiro em construção.....	81
Uma lembrança do fundo do peito	85
Um novo rumo, a procura e o resgate.....	87
O verdadeiro princípio da Maçonaria	89
Um lugar de transformação	91
Olhar de um Aprendiz.....	92
Maçonaria – o que penso, o que vivo	93
Serenidade e inteligência	96
Por que me orgulho de ser maçom?.....	96
O segundo nascimento	100
Um convite para evolução	102
Incidente na Iniciação.....	104
Uma Fraternidade Real.....	105
Uma escola de vida.....	109
Só pode ser destino!	110
Uma bela pescaria.....	113

Prova de confiança	114
Viajando juntos e ser do bem.....	115

CAPITULO V

O SEGREDO MAÇÔNICO CAPAZ DE MUDAR O MUNDO	119
Entregando a mensagem	121
Por fim... ..	121
Construtores de um mundo melhor	122



Apresentação

Presenciei meu esposo, Israel Lisboa, atravessando madrugadas para concluir este livro. Não demonstrava cansaço. Recebia energia da fonte inesgotável que supre aqueles que estão em movimento constante e envoltos num sublime ideal. São como a água, fonte da vida. Porque a Natureza privilegia o movimento, o trabalho construtivo. O que fica estático, parado, enfraquece, deteriora-se como a água estagnada. Mas um rio em movimento... Que energia!

Assim é o Israel. Deixa seu espírito fluir. Não é um reservatório estático, mas um generoso rio em movimento constante.

Encontre-se com ele e com os cunhados da Loja União Brasileira através de seus escritos neste livro. Depois de ler, nossa visão do que seja a Maçonaria amplia-se e ilumina-se como se uma janela abrisse para o Sol radiante de uma manhã de primavera.

Você tem em mãos uma preciosa coletânea de relatos maçônicos. São histórias reais, vividas em face da Loja Maçônica União Brasileira, contadas pelos personagens das situações descritas.

Se você é maçom, certamente irá emocionar-se com a semelhança de alguma situação já vivida em sua Loja.

Se você não é maçom, de duas uma: sendo homem, poderá interessar-se em ingressar na companhia de tão queridos confidentes que se apresentam nessa coletânea; ou, se é mulher, desejará ter orgulho – se já não o tem – de que seu consorte use o avental da Ordem Maçônica.

Boa leitura!

Arizotele de Oliveira Lisboa

BACHARELA EM DIREITO



Introdução

Sempre desejei ver publicado, um pequeno flash que fosse, da história da Loja União Brasileira. Motivou-me, portanto, a participar da elaboração deste livro, a determinação do Ir.: Sebastião Maurício dos Santos quando no cargo de Ven.: M.: em 2010, para que se registrasse em livro a história de 30 anos da Loja União Brasileira nº 2085.

Não conseguimos concluir a tarefa no prazo desejado, malgrado termos na equipe a colaboração de um escritor experiente e nosso grande incentivador, o M.; M.; Ubaldo César Balthasar.

Agora o livro está pronto, porque você o está lendo. Mas não estamos em 2010. Na verdade, estamos em novembro de 2013.

Quem sabe a mão oculta do S.:A.:D.:U.: possa ter nos conduzido deliberadamente para a data do 33º aniversário da Loja.

Muitos são os maçons que colaboraram. Seus depoimentos, que serão lidos adiante, foram escritos, quase todos, visando a comemoração dos 30 anos da Loja. Como lá se vão 33, alguns depoimentos foram adaptados à data atual, sem que seu contexto fosse adulterado. A mensagem de cada um dos depoentes foi preservada intacta. E todos mantêm uma impressionante unidade de pensamento, embora redigidos separadamente e em momentos diversos.

Ao longo das páginas seguintes você conhecerá os personagens e as deliciosas histórias que eles relembram. Leia depoimentos corajosos, como o do Ir.: Mauro Oliveira; ria com as estórias fantasmagóricas lembradas pelo Ir.: Moacir Marafon; emocione-se com a confissão do Ir.: Comarella e sua coragem em assumir que a lei não pode ser alegada para se deixar de fazer o bem. Considere o convite do Ir.: Márcio; divirta-se com o susto do Ir.: Ailto; entenda a bronca do Ir.: Ronaldo; conheça o espírito decidido do Ir.: Cedório; entenda os beijos do Ir.: Rui; saiba por que um bode velho como o Ir.: Israel recusou uma linda cabra; e tantas outras histórias reais, hilárias, inspiradoras, reconfortantes...



Os primórdios da Loja União Brasileira nº2085

Israel de Jesus Lisboa

A fundação

A Augusta e Respeitável Loja Maçônica União Brasileira 2085 foi fundada em 19 de novembro de 1980, uma quarta-feira. Uma data escolhida a dedo por seu mentor, Mário Dezerto da Silva, egresso do Rio de Janeiro, onde destacou-se como coronel da Polícia Militar daquele Estado. Em Santa Catarina, residiu inicialmente em Joinville, mudando-se, posteriormente, para Florianópolis. Morava em um pequeno apartamento no bairro Kobrasol, em São José, cidade vizinha a Florianópolis. Era apaixonado pelo Rito Brasileiro. E esse foi o rito adotado pela Loja, fruto de um sonho acalentado por aquele que liderou um grupo de maçons desprendidos e abnegados para a criação e primeiras reuniões da Loja.

Os fundadores da Loja União Brasileira foram Mário Dezerto da Silva, da Loja Joaquim Gonçalves Ledo, do Rio de Janeiro, Rubens Victor da Silva, Grão-Mestre do GOESC na época, Antônio de Lara Ribas, Jucélio Costa e Gilbardo de Carvalho Paz de Andrade, da Loja Regeneração Catarinense, Saturnino Eduardo Cardoso e Alcides de Assunção Tavares, da Loja Ordem e Trabalho, Agostinho Ramos Videira, Alberto Ferreira de Abreu e Eulálio José Tomás, da Loja Lauro Muller e Rui Olímpio de Oliveira, da Loja Campos Lobo.

A Loja União Brasileira foi desenvolvida por aqueles que seguiram os fundadores na implantação e direção da entidade,

desde 1980 até aos dias atuais. A galeria de seus presidentes, a quem denominamos “Venerável Mestre”, está exposta na sala conhecida como Sala dos Passos Perdidos, logo na entrada do edifício denominado Templo.

Dos 23 presidentes que dirigiram a Loja nesses 33 anos, 20 ainda estão conosco, tendo falecido apenas os três primeiros. São eles, pela ordem de eleição:

- ☞ Alberto Ferreira de Abreu + 1980-81, interino;
- ☞ Jucélio Costa: + 1981-83;
- ☞ Mário Dezerto da Silva: + 1983-85-87;
- ☞ Israel de Jesus Lisboa: 1987- 89-91;
- ☞ João José Victório Dorigon: 1991-93;
- ☞ Nério Vicente: 1993-95;
- ☞ João Roque Cardoso: 1995-97;
- ☞ Ronaldo Fagundes Monteiro: 1997-99;
- ☞ Ervino Renato Scheidt: 1999-00;
- ☞ Luis Augusto Pereira Martins: 2000-01
- ☞ Carlos Alfredo Schmidt: 2001-02;
- ☞ Clóvis Amaral Júnior: 2002-03;
- ☞ Vitor Jason de Souza Coelho: 2003-04;
- ☞ Guilherme Rodrigues de Lisboa: 2004-05;
- ☞ Daniel Barreto: 2005-06;
- ☞ Luis Cláudio Comarella: 2006-07;
- ☞ Antônio Bencz: 2007-08;
- ☞ Itamar Luis de Oliveira: 2008-09;
- ☞ João Roberto Wiese: 2009-10;
- ☞ Sebastião Maurício dos Santos: 2010-11;
- ☞ Juliano Clasen Kremer: 2011-2012;
- ☞ Fernando Zornita Pimentel: 2012-2013, e
- ☞ Ivo Borchardt, atual presidente, que conduz a Loja neste 33º ano, em que as últimas atualizações são anotadas nesta obra.

A história do Rito Brasileiro

- ☞ 1822 – No dia 17 de junho o GOB – Grande Oriente do Brasil é fundado.
- ☞ 1864 – Em Paris é publicada a obra “Biblioteca Maçônica” de autoria do maçom português Ir.: Miguel Antônio Dias. No primeiro volume, à página 06, constava: “... *nós solicitamos aos OO.: Lusitano e Brasileiro a fazer um rito novo e independente que, tendo por base os Graus Simbólicos e comuns a todos os ritos, tenha contudo os altos Graus Misteriosos diferentes e nacionais*”. Esse é o fundamento doutrinário do Rito Brasileiro ainda hoje: graus simbólicos comuns a todos os ritos, e altos graus diferentes e nacionais.
- ☞ 1878 -- Em Recife o Ir.: José Firmo Xavier cria a Maçonaria do Especial Rito Brasileiro. Dois volumes da obras, em pelica, encontram-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, oferecidos por D. Pedro II. Apresenta a Constituição do Rito e a relação dos primeiros 838 sócios. Pretende uma espécie de conciliação entre a Maçonaria e a Igreja segundo noticia a Revista Kosmos, ano IV, nº 1, de janeiro de 1907. O Rito, como era proposto não poderia prosperar, já que continha irregularidades, tais como: só admitia brasileiros natos (art. 3º); colocava-se sob os auspícios do Papa e do Imperador; defendia o catolicismo (art. 4º) numa época em que ainda estava quente a Questão Religiosa com a prisão do bispo de Olinda, D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira, e instituía José Firmo Xavier o chefe vitalício (art. 20).
- ☞ 1914 – Nesse ano, em que eclode a primeira Guerra Mundial já havia cinco ritos maçônicos no Brasil: Escocês, de York, Francês, Schroeder e Adoniramita. Pelo Decreto nº 500, de 23 de dezembro de 1914 o general e Ir.: Lauro Sodré, Gr.: M.: do GOB, institui o Rito Brasileiro. É editada uma nova Constituição do Rito e os primeiros rituais são redigidos. Mas o Rito Brasileiro permanece latente até 1940. Não obstante, o

dia 23 de dezembro é comemorado como a data de fundação do Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos.

- ∞ 1940 – Através do Ato nº 1617, de 03 de agosto de 1940, o Ir.: Rodrigues Neves, então Gr.: M.: GOB, nomeia sete Iir.: para formar o núcleo inicial do Rito Brasileiro. São eles: Antônio de Oliveira Brito, Otaviano Bastos, Álvaro Palmeira, Alexandre Brasil Araújo, Romeu Gibson, Pedro Ramos e Oscar Argollo. Só então são divulgados a Constituição de 1914 e o Ritual de Aprendiz Maçom, ainda contendo os óbices maçônicos do patriotismo exagerado no simbolismo, face ao exacerbado clima patriótico do momento, época da 2ª Guerra Mundial. Destacavam-se: a aclamação “Brasil, Ordem e Amor!”, a palavra “Cruzeiro do Sul”, a decoração dos templos em verde-amarelo nas paredes, altares e dossel, e a exigência de somente admitir brasileiros natos. Como resquício daquela época o Rito Brasileiro ainda mantém nos aventais de Mestre Maçom o botão verde-amarelo.
- ∞ 1941 – Pelo Ato nº 1636, de 06 de fevereiro de 1941, o Ir.: Rodrigues Neves, ainda Gr.: M.: do GOB, designa a Comissão Regularizadora do Rito Brasileiro, assim constituída: presidente, Otaviano Bastos; membros: Artur Paulino de Souza, José Marcello Moreira, Capitulino dos Santos Júnior e Aristides Lopes Vieira. Em 17 de fevereiro de 1941 o Supremo Conclave do Brasil é regularmente instituído, mas o Conclave adormece até 1968.
- ∞ 1950 – No dia 12 de abril o GOESC é fundado. Hoje se denomina-se GOB-SC.
- ∞ 1963 – O Ir.: Álvaro Palmeira, antigo componente do núcleo inicial de 1940, é eleito Gr.: M.: GOB. Tem início a revisão doutrinária e a reimplantação do Rito Brasileiro.
- ∞ 1968 – Pelo Decreto nº 2080, de 19 de março de 1968 é criada uma comissão de 15 Iir.: para rever a Constituição e colocar o Rito “*rigorosamente acorde às exigências maçônicas de Regularidade Internacional, fazê-lo de âmbito universal, separar o Simbolismo do Filosofismo e constituí-lo em real veículo de re-*

novação da Ordem, conciliando a Tradição com a Evolução”. Muda a concepção. O Rito é brasileiro não por questões patrióticas, mas pelo aspecto prático de permitir aos brasileiros praticar a Maçonaria segundo sua própria maneira e cultura. A palavra chave não é patriotismo. É cultura. Cultura brasileira. O jeito brasileiro, o modo, o rito, embora com toda a observância do caráter universal. Conciliar Tradição com Evolução, o Nacional com o Universal. “...*manter a fidelidade à universal tradição maçônica do Simbolismo, mas os Altos Graus Filosóficos serem formulados sob a influência do meio histórico e geográfico da Pátria em que se vive, sob sua índole, inspiração e pendores.*” É reimplantado o Rito. Em 25.04.1968 é fundada a 1ª Loja do Rito Brasileiro, a Loja Fraternidade e Civismo, no oriente do Rio de Janeiro. Essa mesma data foi instituída como o Dia Nacional do Rito Brasileiro. É fundado o Supremo Conclave do Brasil do Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos. Como sede da administração do Rito é adotada a cidade do Rio de Janeiro/RJ.

- ☞ 1976 – Em 21 de julho é publicada a 3ª Constituição do Rito Brasileiro, que substitui a de 1914, esta que só fora publicada em 1940.
- ☞ 1980 – No dia 19 de novembro ocorre a Fundação da Loja União Brasileira nº 2085. É a implantação do Rito Brasileiro em Santa Catarina.
- ☞ 1992 – Inicia-se a discussão de reforma constitucional do Rito Brasileiro. A Convenção Nacional no Rio de Janeiro votou por grande maioria que o Rito é Teísta.
- ☞ 1993 – Falece o Ir.: Álvaro Palmeira. Ele estruturou o Rito e escreveu todos os rituais, à exceção do ritual do Gr.: 33.
- ☞ 1993 – Em 25 de junho ocorrem as primeiras elevações aos altos graus do Rito Brasileiro em Florianópolis (4 ao 33), nas dependências do Templo da Loja União Brasileira.
- ☞ 1994 – No dia 11 de novembro é criado o Sublime Capítulo 11 de Novembro, em Florianópolis, nas dependências do Templo da Loja União Brasileira.

- ∞ 1999 – Na data de 13 de agosto ocorre a primeira reunião para a criação do Grande Conselho de Kadosh do Rito Brasileiro em Florianópolis.
- ∞ 2000 – No dia 24 de junho, dia do padroeiro dos maçons, São João Batista, é assinada a nova Constituição do Rito Brasileiro, vindo a ser publicada em 02 de abril de 2001, e que reformava a Constituição de 1976. É a Constituição da transição do milênio. Evidencia o caráter universal do Rito, permitindo adaptações à cultura local de cada país através de versão própria do Regulamento do Rito. Defende a pluralidade de Ritos, incluindo a admissão de irmãos de outros ritos nas sessões filosóficas do Rito Brasileiro pela simples paridade de graus. Dedicar-se ao *“aperfeiçoamento dos Maçons, conciliando Tradição com a Evolução e adota como atividades: I- o cultivo da Filosofia, Liturgia, Simbologia, História e Legislação maçônicas; II- a filantropia, em especial a proteção à infância, na educação da juventude e no amparo à velhice; III – o incentivo e a prática do civismo em cada país; IV- o estudo de todos os grandes problemas nacionais e internacionais com implicação no futuro da Pátria e da Humanidade, tendo como referências: a) a prevalência dos direitos humanos; b) a autodeterminação dos povos; c) a igualdade dos Estados; d) a Justiça na distribuição dos fatores de produção e das riquezas; e) a solidariedade humana; f) a ausência de preconceitos em qualquer modalidade; g) o Estado-de-direito democrático; V- o respeito à Natureza, decorrente da convicção de que, para preservar o Mistério da Vida, o homem deve promover medidas capazes de manter a harmonia ambiental.”*
- ∞ 2001 – Em 13 de novembro é criado oficialmente o Grande Conselho Kadosh Filosófico do Rito Brasileiro em Florianópolis.
- ∞ 2002 – Na data de 12 de fevereiro ocorre a Unificação dos Altos Graus na região da Grande Florianópolis e Sul, com a criação da Grande Oficina Integrada de Graus Superiores

Mário Dezerto da Silva, exclusividade do Rito Brasileiro, que reúne num só corpo a administração dos graus 4 ao 32, incluindo iniciações e instruções. Permanecem os Grandes Conselhos Kadosh em Balneário Camboriú e Joinville.

- ☞ 2008 – Em 19 de agosto a atual Constituição do Rito Brasileiro reformou a anterior visando “cumprir as exigências de regularidade internacional”.
- ☞ 2010 – No dia 05 de maio é criado o Sublime Capítulo União Brasileira nº 74, ao qual são associados exclusivamente membros da Loja União Brasileira nº 2085. Seus fundadores são os maçons: Antonio Bencz, Antônio Gouveia de Medeiros, Carlos Alfredo Schmidt, Clóvis Amaral Júnior, Daniel Barreto, Ervino Renato Scheidt, Guilherme Rodrigues de Lisboa, Israel de Jesus Lisboa, Itamar Luiz de Oliveira, Ivo Borchardt, João Roberto Wiese, Jorge Ricardo Silva, José Ailton Rosa, José Maria Zilli da Silva, Mauro José dos Santos, Osny Carmona Garcia, Rodrigo Oliveira, Ruben Luz da Costa, Wagner Sandoval Barbosa e Walmor Backes.
- ☞ 2011 – No dia 13 de maio, pelo Decreto 207, o Soberano Grande Primaz do Rito Brasileiro, Ir.: Nei Inocência dos Santos cria a 1DL-SC – Delegacia Litúrgica da Grande Florianópolis, nomeando seu Delegado o Ir.: Israel de Jesus Lisboa, substituído 18 meses depois pelo atual Delegado Litúrgico, Ir.: Guilherme Rodrigues de Lisboa. E em 25 de outubro o Soberano Grande Primaz do Rito Brasileiro, Ir.: Nei Inocência dos Santos, visita a Loja União Brasileira e o Sublime Capítulo União Brasileira. Na ocasião, declara que resolveu atender o pedido dos I Ir.: da Loja e do Sublime Capítulo deferindo a Súplica de transformação do Sublime Capítulo União Brasileira nº 74 em GOIGS – Grande Oficina Integrada de Graus Superiores União Brasileira. Sua decisão foi aclamada de pé por quase uma centena de maçons presentes ao ato.

Homenagem a Mário Dezerto da Silva

Ib Silva

Na comemoração do 33º aniversário da Loja União Brasileira, quero homenagear um de seus fundadores. Conheci o Irmão Mário Dezerto da Silva em função de afinidades profissionais. Nos idos de 1981/82 eu chefiava o Setor de Seleção de Pessoal e Inclusão na Polícia Militar de Santa Catarina, então funcionando na Rua General Bittencourt, onde hoje está instalada a Odonoclínica da Corporação, quase em frente ao CEPON.

Por vezes o Ir. Mário Dezerto vinha me visitar, após apresentar um candidato ao ingresso no serviço policial-militar. Havia chegado do Rio de Janeiro, onde serviu à Polícia Militar e passou para a reserva no posto de Coronel. Nasceu em Cambuci, naquele Estado, em 26 de novembro de 1918.

Ficávamos conversando sobre temas diversos, principalmente sobre nossa profissão e sobre a Maçonaria. Eu era recém iniciado nos mistérios da Ordem. Figura simpática, de conversa agradável e grande cultura. Aprendi a admirá-lo.

Sempre que venho à Loja União Brasileira reverencio o seu nome e o quanto ele contribuiu para o desenvolvimento do Rito Brasileiro em Florianópolis. Segui para outras funções na Polícia Militar e os contatos foram ficando mais raros.

O Irmão Mário Dezerto faleceu em 1988, em Niterói/RJ por complicações pós-operatórias, em função de uma cirurgia para implantação de ponte de safena.

Encontrei o seu filho, Mário Deserto da Silva Júnior, como técnico do Ministério Público catarinense, atuando na cidade de São Miguel d'Oeste. Morou no bairro do Kobrasol com a mãe, até 1996, quando esta veio a falecer vítima de câncer no Hospital Regional de São José.

Um de meus autores preferidos, Erik Erikson, na sua obra referindo os estágios da vida, apresenta o oitavo estágio, na linha descendente da vida, idade avançada, estrutura física e orgânica mais frágil.

Utilizo sempre este conteúdo em minhas palestras.

O autor coloca sempre duas situações conflitantes, conforme a vivência de cada um durante os períodos de sua existência.

Nesse último estágio, o indivíduo se apresenta com um ego íntegro, monolítico, forte, inquebrantável ou desgosto e desespero por ter passado pela vida sem realizações, sem proveito, sem ter dado a ela um sentido de frutificação, de santificação.

Chega ao final da existência tendo aprendido a confiar nas pessoas, a exercer concomitantemente sua liberdade, a criar, a produzir, a viver socialmente uma vida rica e profícua ou, ao contrário, ter vivido em permanente estado de desconfiança e descrédito dos outros, com vergonha e dúvida, vivendo suas culpas, sentindo-se inferior ou inferiorizado, sem saber para onde ir ou o que fazer.

Em cada estágio, Erik Erikson coloca a síntese da identidade, respondendo à pergunta: Quem sou eu? No último estágio, a resposta é: “Eu sou o que sobrevive de mim”.

O importante é chegar ao final da vida, olhar para trás e poder dizer: valeu a pena. Cada um de nós é o que pode realizar e deixar, de si, para os outros. Assim foi com Mário Dezerto da Silva. Deixou um legado de lições de vida, exemplos de postura, como depositário da ideologia maçônica.

Seu filho manifestou orgulho e admiração pelo pai e por tudo o que ele contribuiu para seu encaminhamento na vida.

Fica meu agradecimento pelo que o Ir\ Mário Dezerto também auxiliou a contribuir para minha melhor compreensão das coisas, das obrigações que devo cumprir para me realizar como pessoa e pelo que também vou poder deixar para as demais pessoas que convivem ou conviveram comigo. Com certeza, muitos ensinamentos dele sobrevivem em nós.

Diplomas e certificados

Segue a relação de alguns diplomas e certificados do Ir.: Mário Dezerto da Silva, pertencente ao acervo da família, repassados por seu filho, Mário Dezerto da Silva Júnior.

- ☞ Diploma do Gr.: 3 expedido pela Aug.: e Resp.: Loja Ordem e Trabalho II, em nome e sob os auspícios do Grande Oriente do Brasil e do Muito Poderoso e Sublime Grande Capítulo do Rito Moderno para o Brasil, em 03 de agosto de 1966;
- ☞ Diploma de participação no Seminário Geral de Mestres Maçons, no período de agosto a novembro de 1966 e março a junho de 1967, organizado pelo Grão-Mestre Geral, Ir.: Álvaro Palmeira;
- ☞ Diploma da Medalha comemorativa ao 45º aniversário da Aug.: e Resp.: Loja Simbólica Cruzeiro Fluminense ao Or.: de São Gonçalo, RJ em 15 de novembro de 1970;
- ☞ Medalha de Vermeil do Sesquicentenário de fundação do Grande Oriente do Brasil, concedida pelo Grão-Mestre Geral, Ir.: Moacyr Arbex Dinamarco, pelo Ato 3514 do Poder Central, em 17 de junho de 1972;
- ☞ Diploma de elevação ao Grau de Servidor da Ordem e da Pátria, Gr.: 33, expedido pelo Supremo Conclave do Brasil para o Rito Brasileiro, como membro da Aug.: e Resp.: Loja Simbólica Monte Castelo, ao Or.: do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, e membro efetivo da Oficina Chefe do Rito, sendo Soberano Grande Primaz do Rito o Ir.: Cândido Teixeira de Almeida, em 19 de outubro de 1974;
- ☞ Ato nº 22, de 19 de outubro de 1974, transferindo o Ir.: Mário Dezerto da Silva do Quadro de Membros Extranumerários para o Quadro de Membros Efetivos do Supremo Conclave do Brasil do Rito Brasileiro de Maçons Antigos, Livres e Aceitos, expedido pelo Soberano Grande Primaz do Rito, o Ir.: Cândido Teixeira de Almeida;

- ∞ Diploma de elevação ao Grau 31 em 15 de setembro de 1975, expedido pelo Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, como integrante do Sublime Capítulo Cruzeiro Fluminense, sendo Soberano Grande Comendador o Ir.º Ariovaldo Vulcano, datado de 23 de setembro de 1975;
- ∞ Diploma de elevação ao Grau 32 em 16 de novembro de 1976, expedido pelo Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, como integrante do Mui Poderoso Consistório de Príncipes do Real Segredo nº 1, sendo Soberano Grande Comendador o Ir.º Ariovaldo Vulcano, datado de 21 de dezembro de 1976;
- ∞ Diploma de elevação ao Grau 33 em 05 de outubro de 1978, expedido pelo Supremo Conselho do Brasil para o Rito Escocês Antigo e Aceito, como integrante do Mui Poderoso Consistório de Príncipes do Real Segredo nº 1, sendo Soberano Grande Comendador o Ir.º Moacyr Arbex Dinamarco, datado de 06 de outubro de 1978;
- ∞ Medalha de Destaque Da Maçonaria Catarinense, concedida pelo Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado de Santa Catarina, Ir.º Rubens Victor da Silva, pelo Decreto 077/86, de 20 de agosto de 1986.

Sobre o rito brasileiro e a maçonaria

Israel de Jesus Lisboa

A hierarquia dos graus no Rito Brasileiro

O Rito Brasileiro não é um sistema isolado na Maçonaria. Celebra tratado com um grande corpo da Maçonaria Simbólica. No Brasil optou pelo GOB para o exercício dos três primeiros graus.

O Supremo Conclave do Brasil tem como Grande Primaz o Sobr. Ir. Nei Inocência dos Santos. O Soberano Grão-Mestre da Maçonaria do GOB - Grande Oriente do Brasil - é o maçom Marcos José da Silva.

O Rito Brasileiro contempla uma hierarquia de 33 graus, subdivididos em dois grandes segmentos: Simbólico e Filosófico.

O segmento Simbólico, de três graus, subdivide-se em:

- 1 – Aprendiz Maçom, dedicado ao cultivo da fraternidade humana;
- 2 – Companheiro Maçom, dedicado à exaltação do trabalho que dignifica, ou seja, o serviço; e
- 3 – Mestre Maçom, dedicado ao desenvolvimento do conceito de renascimento.

O segmento Filosófico, de 30 graus, compreende os graus:

- 4 a 14 – Mestria Superior, dedicados ao aprimoramento do caráter;
- 15 a 18 – Cavalaria, dedicados aos ideais maçônicos, às virtudes e aos valores morais individuais;
- 19 a 30 – Missionário, dedicando-se ao valor social do homem e aprimoramento moral, artístico, científico, tecnológico e filosófico;

- 31 e 32 – Guardião, no Alto Colégio. Alia cultura e Civismo com o conhecimento dos grandes Mistérios;
- 33 – Servidor da Ordem, da Pátria e da Humanidade. É o Sumo Grau. Realiza a síntese do humanismo maçônico e zela pelos arcanos do Rito Brasileiro, inclusive quanto aos Grandes Mistérios.

Conflitos a conciliar

O Rito Brasileiro é teísta. Mas há os que entendem que a relação do homem com o Ser Supremo é assunto íntimo, não devendo integrar o quadro das confissões obrigatórias de um obreiro maçom. A atual geração confirma, em sua esmagadora maioria que o Rito é teísta. Afirma a existência de um único Ser Criador e a possibilidade de o Supremo Arquiteto do Universo revelar-se a cada um de nós – Revelação Divina – e de Ele interferir em nossas vidas – Providência Divina. Sendo teístas, cabe-nos combater a idolatria e a superstição em contraponto com outras legítimas manifestações de forças espirituais interiores. Como discernir? É um tema difícil e uma tarefa que fica para as novas gerações e repercutirá na consolidação dos rituais tanto simbólicos quanto filosóficos do Rito Brasileiro.

Conciliar a Razão com a Fé - essa é a difícil e nobre missão que deixamos para as novas gerações!

Datas festivas no Rito Brasileiro

- 19 de março – festeja-se a reimplantação do Supremo Conclave do Brasil.
- 25 de abril – comemora-se a fundação, no ano de 1968, da primeira Loja Simbólica do Rito Brasileiro, a Loja Fraternidade e Civismo, do Rio de Janeiro. Essa data também é considerada o Dia Nacional do Rito, aprovada na Constituição de 1968.
- 27.07 – é a data da implantação e incorporação do Rito ao GOB;
- 23.12 – comemora-se a fundação do Rito Brasileiro em 1914.

A cor universal do Rito é violeta.

Os símbolos do Rito são o Estandarte, o Hino e o Brasão.

Algumas das perguntas Respostas mais comuns de neófitos e leitores não maçons

∞ O que é Maçonaria?

A Maçonaria é uma instituição filosófica, filantrópica e educativa. Estuda as leis da natureza bem como as bases da moral e da ética, pugnando pela elevação espiritual e a prática das virtudes. Defende a liberdade dos indivíduos e dos grupos humanos; a igualdade de direitos e obrigações entre todos sem distinção de religião, raça ou nacionalidade, e a fraternidade de todos os filhos do mesmo Criador.

∞ Por que tanto segredo?

A Maçonaria não é uma entidade secreta. A Loja União Brasileira nº 2085 tem sede na rua Gama Rosa, 36, Trindade, Florianópolis/SC. Mas tem segredos (toda sociedade tem, até marido e mulher têm segredos entre si!). O únicos segredos que são restritos aos que ingressam na Ordem é a forma de reconhecimento mútuo em qualquer parte do mundo, assim como o modo de interpretação dos símbolos maçônicos e os respectivos ensinamentos neles contidos.

∞ A Maçonaria é uma religião?

É uma instituição filosófica e filantrópica, sem fins lucrativos e os recursos que arrecada se destinam ao bem estar do ser humano indistintamente; busca a verdade com base na razão e na ciência partindo do princípio da imortalidade e da crença em um princípio criador. Seus fins supremos são a busca incessante da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade entre os seres humanos. A prática da disciplina maçônica aperfeiçoa o homem, que aprimora a família, que melhora a sociedade.

∞ Qual o Deus dos maçons?

A Maçonaria não é uma religião, mas admite em seu meio todos os credos religiosos porque reconhece a existência de um único Princípio Criador, que denomina Supremo Arquiteto do Universo.

∞ Por que a Maçonaria só admite homens entre seus associados? Na origem a Maçonaria foi composta por pedreiros livres, antigos construtores de catedrais e edificações assemelhadas. Seus princípios básicos são internacionais. Não podemos decidir sozinho eventuais alterações que desejarmos nos princípios basilares da Ordem. O tradicionalismo é muito forte e uma das tradições é a fidelidade à origem composta unicamente de homens.

Não obstante, a Loja União Brasileira possui um organismo constituído de mulheres, a Fraternidade Feminina Ordem da Rosa de Saron, integrada pelas esposas e filhas maiores solteiras de seus sócios. Ainda mantém outra entidade, composta por jovens de ambos os sexos, na idade entre 12 e 21 anos, denominada APJ – Associação Paramaçônica Juvenil.

∞ Qual é a origem da Maçonaria?

Os primeiros documentos em arquivo maçônico remontam ao século XVIII, mais precisamente ao ano de 1724. Quase 300 anos de história documentada já é um bom currículo. O termo *maçom* é de origem francesa e traduz-se como pedreiro, porque os primeiros maçons eram antigos construtores, membros das corporações de ofício. Os materiais e ferramentas da construção civil são facilmente identificados por qualquer pessoa e a Maçonaria os utiliza de forma simbólica atualmente, em seu trabalho de construção de um mundo melhor.

∞ Por que a Maçonaria permanece atuante e qual o objetivo de continuar a existir?

O homem admitido na Maçonaria tem a possibilidade de aperfeiçoar-se intelectual, moral e socialmente; de disciplinar-se na prática das virtudes; de encontrar e conviver com afetos fraternais em qualquer lugar, dentro ou fora do país, e de poder contribuir para a grande obra edificadora da moral da sociedade em que vive, preparando um mundo melhor para as gerações futuras. Esse é o ideal maçônico e coincide com o ideal da civilização humana.

∞ O que é Loja Maçônica?

O termo engloba dois significados: Loja, como pessoa jurídica, a Loja União Brasileira nº 2085, pessoa jurídica de direito privado, e Loja, de alojamento, reunião, os maçons reunidos.

∞ O que é Templo?

Originariamente “*templum*” designava a parte visível do horizonte, que os observadores escolhiam para contemplar o céu, tirar presságios. Na concepção maçônica tem duplo significado: o edifício dos maçons, envolvendo a sala da recepção, da secretaria e outros ambientes, e em sentido estrito designa a área consagrada da edificação, destinada às reuniões formais e ritualísticas dos maçons.

∞ Por que os termos “Oriente”, “Norte” e “Sul” são usados pelos maçons?

O Templo representa o Universo. Simbolicamente o Templo Maçônico estende-se da terra ao céu, do Norte ao Sul, do Nascente ao Poente. E porque o maçom é um ser humano, seu templo exterior é o planeta terra.

∞ Como estrutura-se a Maçonaria?

A Maçonaria apresenta uma estrutura administrativa hierárqui-

ca: o GOB – Grande Oriente do Brasil, ao qual estão subordinados os governos estaduais; no caso dos maçons catarinenses, o GOB-SC, e a este estão subordinadas as Lojas. Há diferença de denominação em outros países. A Grande Loja da Inglaterra, por exemplo, que tem reconhecimento mundial, inclusive com ramificações no Brasil. Os três poderes conhecidos: Poder Executivo, Poder Legislativo e Poder Judiciário também na Maçonaria são independentes e harmônicos entre si.

∞ Quem são os principais líderes maçônicos em relação à Loja União Brasileira nº 2085?

São, atualmente, o Grão-Mestre do GOB, Sob.: Ir.: Marcos José da Silva; o Grão-Mestre do GOB-SC, Eminente Ir.: Wagner Sandoval Barbosa, e o Venerável Mestre da Loja União Brasileira nº 2085, o Mestre Inst.: Ivo Borchardt. Todos esses nominados são dirigentes do Poder Executivo Maçônico.

∞ Há líderes ocultos?

Muitos de nós acreditamos em entidades espirituais, tais como os santos, e toda a hierarquia celestial: Anjos, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Tronos, Querubins, Serafins, Glórias e Espíritos Virgínicos, todos sob a regência do Supremo Arquiteto do Universo. Mas não é um dogma maçônico. A Maçonaria contempla apenas a crença no Supremo Arquiteto do Universo e no Espírito Humano, como entidades não carnis. No entanto há o paradoxo de termos como padroeiros dos maçons São João Batista e São João Evangelista, em face de que seus festejos coincidem com as datas dos solstícios de inverno e de verão.

Histórias maçônicas

Israel de Jesus Lisboa

Os hinos do Rito Brasileiro no gravador à pilha

Nos primeiros anos da década de 1980, a Loja União Brasileira nº 2085 não possuía o próprio templo para realizar suas sessões. Muitas de nossas reuniões foram realizadas no centro da cidade de Florianópolis, inicialmente na Rua dos Ilhéus, no edifício da Aplub, no templo da Loja Ordem e trabalho. Lá reuníamos-nos às terças-feiras, não por escolha, mas porque era o dia em que o templo estava disponível. Posteriormente passamos a nos reunir no templo da Loja Regeneração Catarinense, localizado na Rua Vidal Ramos, também no centro da Capital catarinense. A mudança forçou-nos a alterar o dia das sessões para as quintas-feiras, haja vista que a centenária Loja Regeneração Catarinense reúne-se sempre às terças-feiras.

O retorno das reuniões para as terças-feiras tornou-se possível com a construção do templo da FAR – Fraternidade da Arte Real, localizado no bairro da Trindade, em Florianópolis e devidamente equipado para as necessidades ritualísticas das quatro lojas coproprietárias.

No início dos anos 80, porém, a maioria dos templos maçônicos não dispunha de alguns equipamentos, tais como aparelhagem de som instalada. Acontece que o Rito Brasileiro tem uma peculiaridade: seu ritual, que sempre seguimos à risca, exige que sejam entoados os cânticos de abertura e de encerramento nas sessões ordinárias e magnas.

A solução encontrada pelo saudoso Ir.: Mário Dezerto da

Silva foi providenciar um pequeno gravador à pilha, similar a um *walkman*, onde reproduzia os cânticos gravados em uma fita K-7. Assim tornou-se possível a todos os membros da Loja aprender a melodia e -- num arremedo de karaokê, numa época em que essa palavra nem era conhecida no Brasil – cantávamos no tempo de reprodução da fita. Não havia caixas de som ou qualquer recurso de amplificação, de modo que tínhamos que apurar os ouvidos para poder acompanhar a reprodução gravada. Qual a imagem clássica de um missionário que ostenta a cruz na mão direita e a Bíblia na mão esquerda, assim é nossa melhor lembrança da imagem física do Irmão Mário Dezerto na época em que foi nosso Venerável Mestre: em sua mão direita a mensagem representada pelo gravador, e na mão esquerda a lei inscrita no livreto ritualístico.

A procura por um templo

É verdade que todos os ritos maçônicos são bons. Melhor: são ótimos! Porque treinam a disciplina do espírito. As diferenças de um rito para outro são mais cosméticas do que essenciais. Mas há questões práticas a resolver. Uma delas era a necessidade de som amplificado – hoje uma banalidade, mas na época uma dificuldade. Há outras diferenças de posicionamento de ornamentos simbólicos no templo maçônico cujo exame não cabe nesse livro. Por estas e outras razões a Loja União Brasileira, a partir de 1985, começou a sonhar com a construção de seu próprio templo. A iniciação, na Loja, durante a década de 80, de profissionais da área imobiliária como Israel Lisboa, José Aildo Rosa, João Roque Cardoso e Nério Vicente só contribuiu para solidificar a idéia.

Em 1987 a Loja chegou a iniciar tratativas para a compra de um terreno no Bairro do Estreito, na Rua Marcelino Simas. O endereço é muito próximo de onde, anos mais tarde, passaria a reunir-se a Loja União Catarinense, primeira filha da Loja União

Brasileira. Éramos doze irmãos associados em Loja e o valor do imóvel, traduzido para o preço atual, girava em torno de R\$ 40 mil. A Loja não tinha dinheiro em caixa, mas alguns irmãos estavam dispostos a adiantar o valor. Nascia ali uma ideia fraterna, anos mais tarde renascida sob a denominação de FUCON, um fundo para construção de templos de grande sucesso atualmente e bancado por recursos financeiros acumulados no GOB-SC. Durante muitos anos o corretor de imóveis José Ailto Rosa foi o responsável pela administração e aplicação dos recursos do referido Fundo.

E como iríamos pagar aos irmãos financiadores? Pagaríamos da forma semelhante a que pagamos nossa parte no atual condomínio do templo da FAR – Fraternidade da Arte Real. Continue lendo e entenderá que um sonho bem sonhado está realizado pela metade. Aquela primeira aquisição não se concretizou em face de problemas intransponíveis colocados pelos vendedores, mas tornou-se a semente da qual germinou e brotou uma árvore de melhor fruto.

Éramos doze ...

Biólogos e engenheiros aeronáuticos, ao que parece, estão de acordo que um besouro, por sua constituição física e posição das asas, pela lei da aerodinâmica estaria impossibilitado de voar. Mas como ninguém jamais conseguiu dizer isso ao besouro, ele voa. Da mesma forma, na histórica decisão para a construção do atual templo da FAR, como ninguém nos disse que não poderíamos arcar com $\frac{1}{4}$ dos custos de uma construção, nós a custeamos, partindo de um grupo formado inicialmente por doze irmãos.

Passamos anos sem poder ouvir falar do delicioso prato *arroz de carreteiro*, de tanto carreteiro que preparamos, vendemos e comemos para obter verbas para ajudar a cobrir as despesas concernentes à nossa cota-parte na construção do templo atual em condomínio com as Augustas e Respeitáveis Lojas Simbóli-

cas Campos Lobo, Lauro Muller e Mâncio da Costa. Para reforçar o caixa apresentávamos aos irmãos “chamadas extraordinárias de numerário”, fazendo passar de mão em mão uma sacola de coleta pró-construção que era oferecida à generosidade dos irmãos a cada sessão.

Realizávamos ainda as indefectíveis rifas disfarçadas de ação entre amigos. Lembro que numa tarde, em meu escritório, recebi um telefonema do Irmão Paulo Alberto Machado Osseyram. Ele era, na época, gerente de um grande Banco sediado em Florianópolis, exercia o cargo de tesoureiro de nossa Loja e era o encarregado de controlar os sorteios das tais “ações entre amigos”. Quando atendi ao telefone, do outro lado da linha o Irmão Paulo foi direto:

- Irmão Israel, onde é que você quer que eu mande entregar a cabra? – De repente lembrei-me que em bem humorada resposta ao fato de que os maçons são também denominados “bodes”, eu – que comprava e ainda compro tudo quanto me oferecem em prol da beneficência – adquirira alguns bilhetes para mais um sorteio. Poderia ter sido o sorteio de uma bicicleta. Mas era o de uma cabra.
- Ir.: Paulo, por favor, deixe em algum freezer e futuramente faremos um assado.
- Ir.: Israel, a cabra está viva. A ordem que recebi do Ir.: Walmor Backes foi de entregá-la em teu escritório. – O Irmão Paulo é um grande gozador e eu sabia que o Ir.: Walmor Backes, Grão-Mestre Adjunto na época e superintendente da construção do templo da FAR, jamais daria tal instrução. Mas era verdade que a cabra estava viva. Socorreu-me o grande amigo e maçom Walmor Backes enviando o animal para o sítio de algum irmão. Nunca mais tive notícias de minha cabra.

Agora, em novembro de 2013, a administração da Loja União Brasileira estuda a proposta do GOB-SC para construirmos um

novo templo às margens da rodovia SC 401, no Norte da Ilha de Santa Catarina. Fala-se até mesmo que poderíamos angariar fundos, entre tantas opções, com a realização da festa que vem se repetindo anualmente com grande sucesso e promovida pelo Irmão Moacir Antônio Marafon juntamente com outros valerosos irmãos da Loja. Trata-se do já famoso *Porco-no-rolete*. Pelo menos, nesse projeto, não há o risco de comprarmos o bilhete sorteado de um porco em pé...

A cápsula do tempo

Deixar uma notícia para as longínquas gerações futuras a respeito dos construtores do templo onde nos reunimos hoje foi, por decisão unânime, um simpático ato de retribuição aos nobres obreiros. Assim é que, sob o Oriente, há uma cápsula concretada nos alicerces do Templo da FAR, contendo o nome dos irmãos membros das quatro Lojas Maçônicas construtoras. Aqueles maçons, cujos nomes estão ali inscritos, são os que lançaram as bases da edificação atual. Muitos já não estão mais entre nós, fisicamente. Mas legaram-nos sua obra, seu sonho tornado realidade. Sonho de uma nova era maçônica e, por extensão, de renovação e progresso.

A cápsula concretada permanecerá sob o Templo à espera das gerações vindouras, como um ensinamento de que se constrói hoje o mundo que nossos filhos, netos, bisnetos e também seus descendentes viverão depois de nós. Trapaceamos contra a morte e permanecemos vivos na memória das gerações vindouras através da lembrança perpetuada em nossas boas obras.

Com inspiração naquela cápsula oculta desejamos que este livro se torne uma outra cápsula do tempo. Esta, aberta para inspirar a todos, ante esse novo Brasil que está renascendo e que deve conservar-se unido em torno do sentimento de constante renovação nacional e justiça social.

As cadeiras no Templo

Outra lembrança, esta bastante visível e palpável do carinho dos maçons por seus pares é o fato de que, por ocasião da conclusão de nosso templo, cada irmão das lojas coligadas à Fraternidade da Arte Real “comprou” uma das atuais cadeiras que guarnecem o setor consagrado. Anos mais tarde a mesma estratégia foi também adotada pelo Grande Oriente do Brasil, num chamado às Lojas, para mobiliar o novo templo da sede principal da Maçonaria. No Templo do GOB, em Brasília, um das cadeiras traz gravado o nome da Loja União Brasileira nº 2085.

O avental histórico de Mestre Instalado

Em junho de 1987, tendo sido eleito para presidir a Loja União Brasileira, deparei-me com uma questão inesperada. É que o Mestre Instalado deve receber um novo avental com os ornamentos que caracterizam seu título. Acontece que o único avental de Mestre Instalado disponível era o usado pelo meu antecessor, o Ir.: Mário Dezerto da Silva. O mesmo avental já vestira os dois presidentes anteriores, os Mestres Instalados Alberto Ferreira de Abreu e Jucélio Costa. Estes não freqüentavam mais as nossas reuniões. Haviam contribuído desinteressadamente, apenas por amor fraterno, com seu precioso tempo e esforço para sustentar os primeiros passos da nova Loja que surgira e para a qual foram convocados como fundadores. Mas frequentavam suas respectivas Lojas-mãe e vestiam, como de costume, os aventais do seu Rito Escocês.

O Irmão Mário Dezerto, em sua infinita generosidade ofereceu-me o avental da Loja, que então usava. Não sabia ele que eu já contatara antecipadamente nosso Irmão Henk Konik. Este era alfaiate, confeccionava nossos balandraus – um arremedo de beca com a qual nos cobrimos em Loja quando não estamos vestidos com traje social e gravata. A pequena alfaiataria do Irmão Konik transformou-se, após sua passagem para o Oriente

Eterno, num próspero ateliê maçônico administrado desde então por sua filha Dóris.

Nosso alfaiate havia confeccionado, a meu pedido, um novo avental de M:I. Dessa forma, ante a inesperada oferta do Irmão Mário, aceitei e imediatamente retribuí, entregando-lhe o meu avental, ainda na embalagem. A cerimônia oficial de troca dos aventais deu-se numa sessão magna de Instalação, ritualizada para tal fim. O antigo avental, punhos e estola tornaram-se relíquias históricas da Loja União Brasileira. Anos mais tarde a mesma vestimenta foi usada para revestir meu filho, Guilherme Rodrigues de Lisboa, escolhido para Venerável Mestre, na cerimônia em que tive a honra de ter sido o presidente da Comissão Instaladora.

Naquele ano de 1987 ainda havia poucos Mestres Instalados em Santa Catarina, o que levou o GOB-SC a realizar uma única sessão em Florianópolis para instalar simultaneamente todos os novos mestres eleitos. Dessa forma, na mesma cerimônia foi também instalado o novo Grão-Mestre do GOB-SC, Irmão Elmo Bittencourt.

É inegável que o fato inusitado de que nós - o novo Grão-Mestre Elmo Bittencourt e o novo Venerável Mestre Israel Lisboa - por termos sido instalados juntos na mesma cerimônia criamos uma sinergia e uma confiança mútua produtora de bons frutos maçônicos, dentre eles a criação da APJ em Santa Catarina, como veremos adiante.

A criação da APJ – Ação Paramaçônica Juvenil

O maçom Elmo Bittencourt foi um dos Grão-Mestres que mais se destacou pela simpatia ao Rito Brasileiro e a fé no sucesso de nossa Loja. Sucedeu ao Grão-Mestre Rubens Vitor Silva, um dos fundadores da Loja União Brasileira. Na mesma sintonia, seus sucessores, os Grão-Mestres Antônio Gouveia de Medeiros, João José Amorim, Walmor Backes, Ib Silva e o atual, Eminente

Irmão Wagner Sandoval Barbosa souberam fraternamente refletir o mesmo carinho e proteção ao Rito, à Loja União Brasileira e – somos testemunhas – a todas as demais lojas maçônicas.

Foi durante o grão-mestrado do Ir.: Elmo Bittencourt, no entanto, que na condição de Venerável Mestre, tive a honra de recebê-lo em visita oficial para um círculo de debates em Loja de Aprendiz, visando aprimorar as ações do GOB na jurisdição catarinense. Na ocasião um dos membros da Loja, o Irmão Benedito, sugeriu que fosse criada em Santa Catarina, à exemplo do que já ocorria em alguns outros Estados da Federação, a Associação Paramaçônica Juvenil. Homem de decisão e confiante na Loja União Brasileira, o Irmão Elmo Bittencourt imediatamente aceitou a sugestão e ameaçou nomear o autor da proposta para o cargo de Preceptor. Ante o declínio da honraria decorada com polidas desculpas, restou nomeado, ali mesmo, o Irmão Vitor Jason de Sousa Coelho como primeiro Preceptor da APJ.

O maçom Vitor Jason e sua esposa Lisbete revelaram-se valiosos impulsionadores da APJ, transformando-se em grandes credores de nossa gratidão.

Dentre os jovens associados à APJ, a jovem Waleska, filha de Lisbete e Vitor Jason, assim como meus filhos, Augusto e Guilherme Lisboa, foram iniciados como azejotistas e transformaram-se, depois, em Preceptores. Mais tarde, Waleska casou-se com um maçom. Não foi a única. Jovens azejotistas também casaram-se entre si. Guilherme é Mestre Instalado na Loja União Brasileira e Delegado Litúrgico do Rito Brasileiro. Augusto é o atual 2º Vigilante em nossa Loja. No Quadro de Obreiros da Loja União Brasileira também encontram-se outros maçons oriundos da APJ, tais como os Irmãos Alberto Gonçalves de Souza Júnior, Leonardo Borchardt e Leonardo Brognoli Lopes e Silva.

A Ordem da Rosa de Saron

Além da APJ, uma entidade mista integrada por jovens de am-

bos os sexos, cujo Núcleo Alfa Cruzeiro do Sul é tutelado pela Loja União Brasileira, há outra entidade mantida pela Loja, esta eminentemente feminina: a Ordem da Rosa de Saron.

Composta pelas esposas e filhas de maçons, foi criada em 1987, com o objetivo de permitir a inclusão maçônica de nossas cunhadas e sobrinhas.

A Ordem da Rosa de Saron, ao longo dos anos, tem contribuído de forma inestimável para o sucesso das sessões magnas e festivas da Loja, promovendo a melhor recepção de nossos convidados, a inclusão das novas cunhadas, belas e emocionantes homenagens aos aniversariantes do mês, a organização de palestras enriquecedoras, o apoio à beneficência e, além de tantas outras contribuições, a contagiante alegria da presença feminina em nossas sessões abertas e em outros encontros da família maçônica.

O Fundo de Beneficência

O apoio às obras caridosas da Ordem da Rosa de Saron tem sido, muitas vezes, subvencionado pela Loja. É um hábito dos maçons – não apenas em nossa Loja, mas em todo o orbe – em cada reunião recolher, de forma anônima, em prol da beneficência, alguma quantia em dinheiro, sem valor mínimo estipulado. O montante apurado deve ser usado exclusivamente para auxílio aos necessitados. Se, eventualmente não houver pessoa ou entidade indicada para receber o donativo, o resultado da coleta é depositado em conta bancária, separada dos valores da Loja.

Por decisão dos obreiros da Loja União Brasileira, o somatório dos depósitos oriundos das coletas sem destinação imediata passam a integrar o Fundo de Beneficência mantido pela Loja, cujas normas para saque são severamente controladas e rigidamente insculpidas em protocolo detalhado, face à sua destinação específica à beneficência Maçônica.



Depoimentos

Do terrível ao maravilhoso

José Aílto Rosa

Lá pelos idos de 1985, fui agraciado com o convite do nosso grande Irmão Israel Lisboa para fazer parte da Maçonaria. Até então não tinha conhecimento algum sobre a mesma. Levado um pouco pelo espírito de curiosidade e atendendo ao pedido do nosso irmão, aceitei.

Começaram os preparativos para a Iniciação. Naquela época, eram bem mais rápidos os trâmites. Apresentei os documentos solicitados, fui sindicado e logo foi marcada a data da iniciação.

Chegou o tão esperado dia! Com muita ansiedade e o coração batendo muito forte, cheguei no Edifício Aclub, na rua dos Ilhéus (lembrem, o prédio do guarda chuva ... no centro de Florianópolis ...), bem na hora marcada. Dois senhores me esperavam. Identifiquei-me, em seguida não vi mais nada. Sei que me levaram para o elevador e começamos a subir. Que eternidade! Não chegava mais.

De repente o elevador parou, a porta se abriu lentamente, foram me conduzindo não sei para onde, tudo era muito estranho. Uma pequena sala, tipo câmara, ficava num mezanino aonde se chegava por uma escada em caracol, a qual tinha uma janela de vidro e se podia ouvir o barulho dos carros passando lá em baixo na rua. Ali permaneci por mais de quatro horas, sendo levado para lá e para cá. Eu já nem podia mais imaginar onde estava, só escutava o barulho dos carros lá em baixo. Aquela escada eu

já imaginava ter subido e descido umas cinquenta vezes. O tempo parecia ter parado. Suava frio, sofria com cólicas e em vários momentos deu-me vontade de desistir. Meu maior medo é que, pelo barulho dos carros, sentia que estava muito alto e só pensava no que poderia me acontecer.

De repente fui conduzido para dentro da Loja onde começou a Iniciação. Sei que fiz muitas viagens, já nem tinha mais noção de onde estava. Pouco depois me fizeram subir numa rampa e me pediram que pulasse. Aí foi o desespero total, o barulho dos carros lá embaixo quase me deixava maluco. Só sei que me pediram para confiar e pular. Foi o pulo mais longo da minha vida! Não chegava mais lá embaixo, em cima dos carros, eu pensava! Foi quando senti os pés tocarem o chão e senti-me protegido por amigos que me conduziram pela Loja. Lembro que daí para frente foi tudo maravilhoso. Senti que renasci para uma nova vida. Passei a fazer parte desta Loja maravilhosa na qual estou até hoje, comungando com estes irmãos fantásticos que engrandecem nossa ordem.

Tchau não! Vem cá!

Jorge Ricardo Silva

Nos idos de 1991, então como aprendiz, tínhamos a necessidade de termos sete Mestres Maçons revestidos de suas insígnias para iniciar os trabalhos da Loja. Como normalmente faltava um, colocávamo-nos na frente do templo, quando a Loja então reunia-se na rua Vidal Ramos, no centro de Florianópolis, e esperávamos até que viesse um Mestre Maçom, de qualquer Potência ou Rito, e conversávamos com ele sobre amenidades e, na hora da despedida, tal Mestre era surpreendido com a convocação para participar dos trabalhos e completar o grupo, recebendo, para

revestir-se, um balandrau e o avental específico e então realizarmos a sessão da jovem Loja União Brasileira, nº 2085, na qual, ainda Aprendiz, fui designado como 1º Diácono. Saudades ...

A experiência da Iniciação

Almir Elci Manoel

Na seção do dia 21 de setembro de 2010, nós, novos Aprendizes, fomos desafiados a escrever algo para ser colocado no livro comemorativo aos 30 anos de história de nossa Loja e que é concluído só agora, no 33º aniversário. Fiquei pensando de que forma poderia contribuir para esta história visto que a seção do dia 21 foi minha primeira dentro da Loja.

Lembrei-me então de que uma caminhada sempre tem início no primeiro passo, e desta forma passo a tentar transmitir meus sentimentos e impressões deste o convite que recebi de meu padrinho Ir.º Ivo Borchardt até este momento.

Conheço meu padrinho há aproximadamente vinte e cinco anos, desde a época em que trabalhávamos juntos, atuando na área de administração de condomínios. Após oito anos juntos continuamos a ter contato profissional com alguns clientes em comum e mantendo nossa amizade.

Pois bem! Recebi o convite, discuti o assunto no âmbito de minha família e obtive todo o apoio por parte de minha esposa e filhos. Preenchi o cadastro e fiquei aguardando a sindicância. Após a realização desta, fui informado que meu nome seria submetido à aprovação ou não. Confesso que fiquei ansioso e aguardando uma comunicação de meu padrinho.

A confirmação veio através de telefonema, quando fui informado que a Iniciação se daria do dia 14 de setembro de 2010 e que eu receberia as informações com relação a horário, traje etc.

E o dia 14 chegou. Foi um dia diferente sob todos os aspectos.

Saí para o trabalho, como todos os dias, e no início da tarde percebi que estava contando os minutos para a hora marcada, 17h30min. Lembro que cheguei ao Templo por volta das quatro da tarde e me dei conta de que ainda teria que aguardar por uma hora e meia. Resolvi ir até o Shopping e caminhar um pouco. Retornei às cinco horas e fiquei aguardando a chegada de alguém para me orientar.

Após a chegada dos primeiros Iir.· entrei pelo portão onde me foi dito para aguardar. Neste momento me perguntei o que estaria eu aguardando.

Fui o primeiro a entrar no Templo, momento em que tudo ficou escuro. Mas, mesmo sem saber o que me aguardava, estava tranquilo. Aquela tranquilidade veio das palavras de meu padrinho no dia anterior, que me dissera: “Fique tranqüilo, confie no seu padrinho.”

Ao começar a caminhada totalmente na escuridão, alguém sussurrou ao ouvido, “Fique tranquilo, você está entre irmãos”. Mantive meus ouvidos muito atentos. Curiosamente continuava extremamente calmo e sereno.

Após descer degraus, sentar-me e ficar aguardando, fui levado a um local onde respondi a algumas perguntas. Nesse momento me dei conta que durante todo o trajeto estava pensando em toda a minha vida, em todos aqueles que me cercam. Os pensamentos atropelavam-se. E mesmo em completa desordem, que ia desde minha infância e adolescência, pais e filhos, esposa, trabalho, pátria, Deus, eles estavam em harmonia. Dei-me conta que nunca antes em minha vida tinha refletido tanto sobre tantas coisas em tão curto lapso de tempo. Descobri que minha tranquilidade baseava-se na confiança de estar entre irmãos, no amor das pessoas que fazem parte de minha vida e, sobretudo, por estar ouvindo meu coração.

Todos os outros passos, as perguntas feitas, enfim ... tudo foi saindo naturalmente e ao final comecei a ver! Senti uma das mais fortes emoções de minha vida ao ter a visão dos irmãos, o Templo iluminado. Bem, faltam-me palavras para descrever esse momento.

O que se deu a seguir em toda a sessão foi algo que nunca havia imaginado.

Meus irmãos, estes foram alguns dos sentimentos que tive durante minha Iniciação, no início de uma caminhada de aprendizado. Espero que este humilde texto possa contribuir de alguma forma com a festa dos 33 anos de nossa Loja.

Três histórias e uma venerabilidade

Carlos Schmidt

Instado pelos organizadores deste livro, e com a boa colaboração do Ir.^o Alcides Neves Júnior, resolvi escrever algumas coisas pitorescas e interessantes que lembro sobre a história da nossa Loja. A primeira ocorreu durante o período em que exerci a venerabilidade, sendo um incidente pitoresco bem lembrado pelo mano Cidinho.

Em uma das três iniciações que realizamos, tivemos um candidato chamado Geraldo. Este, durante a cerimônia de iniciação, quando o Venerável questionou:

— Quem vem lá?

O mesmo respondeu de imediato, sem pestanejar e em voz alta:

— É o *Geraaldo!!!*

Pois a vontade dele em ingressar na Maçonaria era tanta, que o ato comoveu a todos pela sua disposição e ao mesmo tempo suscitou inúmeras risadas durante a sessão. Essa vai ficar entre as histórias engraçadas da Loja e nas boas recordações, minha e do nosso dedicado Irmão Alcides.

Outra, ocorrida em outro período, também merece registro. Durante uma sessão de instrução no grau de companheiro, quando os irmãos respondem ao questionamento feito pelo Venerável Mestre, um, ao ser perguntado se tinha visto a Estrela Flamejante e, talvez ainda tomado pela grande emoção que tivera pela sua Iniciação, na qual diversos sons são tocados, barulhos estrondantes e tudo que sempre ouvimos naqueles momentos, saiu-se com essa:

— “Sim, eu vi a Estrela Trovejante ...”

O Irmão Cidinho lembra ainda de outro incidente pitoresco, ocorrido em Loja, na Venerabilidade do Irmão João Roberto Wiese. Estávamos num Ágape Festivo. E a um determinado cidadão, não maçom, que por vezes prestava serviços à nossa fraternidade, foi-lhe solicitado que ajudasse na cozinha. Tudo correu bem, o cidadão trabalhou corretamente. Com o Ágape muito bem servido e já adiantado o horário, eis que um irmão aproximou-se do profano e perguntou-lhe a que Loja ele pertencia. Recebeu prontamente a resposta: - Lojas Americanas!

Gostaria, por outro lado, de destacar e dividir com todos os irmãos da Loja, sem distinção, alguns fatos administrativos e outros eventos ocorridos durante minha gestão. Todos os irmãos ajudaram muito durante a minha venerabilidade a frente da Loja União Brasileira, que ocorreu de 10 de junho de 2001 a 10 de junho de 2002. Ficarei para sempre profundamente agradecido, sensibilizado mesmo, do fundo do meu coração, pela força que me deram no desenvolvimento de inúmeras atividades. Sem o en-

gajamento dos dedicados irmãos e cunhadas, junto também dos nossos sobrinhos e sobrinhas, seria impossível realizá-las. Em especial destaco algumas dessas atividades que transcrevo abaixo:

- ∞ dinamização das atividades da Fraternidade Feminina da Loja;
- ∞ inscrição da Loja no cadastro da Receita Federal (CNPJ);
- ∞ abertura de conta bancária com carnê de cobrança das mensalidades;
- ∞ realização de diversos cafés beneficentes para entidades filantrópicas;
- ∞ viagem à Gramado com praticamente todos os membros da Loja.

Todos esses fatos me marcaram muito e com certeza absoluta farão parte definitiva da memória e dos bons momentos que convivemos juntos, tanto em Loja, como viajando ou ajudando outras pessoas menos favorecidas.

Como encontrei a Maçonaria

Daniel Sonaglio

Fui convidado pelo Carlinhos Schmidt num belo dia de sol, quando estava atendendo clientes no pátio do Posto de Combustíveis onde trabalhava. Como ele era cliente habitual do Posto, nossa amizade nasceu pelo convívio extremamente harmonioso e agradável com sua pessoa.

Nesse dia ele chegou e disse que queria me ver na Loja dele. Achei que estivesse recebendo uma proposta de trabalho, apesar de saber que ele trabalhava na Celesc. Quando questionei que loja era, ele calmamente me explicou que era uma Loja Simbólica Maçônica, que era maçom e que gostaria que eu também fos-

se iniciado. Explicou detalhadamente (preciso como sempre!) como era o processo para afiliar um novo irmão.

Como o que eu conhecia sobre a Maçonaria era pouco, procurei mais informações para validar minha decisão. Uma vez decidido, providenciei o cadastro e entreguei-o ao meu padrinho. Esperei a visita dos sindicantes, que foram os queridos IIr.º Antonio Benz, Itamar de Oliveira e Fernando Zornitta Pimentel, os quais reforçaram minha decisão. Sabia que estava em excelente companhia.

Chegou o dia da iniciação – 30 de maio de 2006! O que me esperava? Além do meu padrinho, conhecia somente os meus sindicantes. Pontualmente as 18h batí à porta do templo conforme instruções recebidas e de pronto fui bem recebido pelo Ir.º Terrível! Começava a vida maçônica, pelos caminhos da iniciação e todo seu simbolismo. Foram algumas horas de ansiedade, expectativas, curiosidade e, apesar do desconhecido, a sensação de conforto era grande. Um fato que marcou muito durante a sessão foi a oratória do querido Ir.º Daniel Barreto, Venerável Mestre naquela ocasião. Quando a luz nos foi dada, fomos muito bem acolhidos pelos IIr.º presentes. O Templo estava lotado, foi muito emocionante!

A partir desse momento também conheci meus queridos manos Ubaldo Cesar Balthazar, Moacir Antonio Marafon e Júlio Cesar Frainer, dos quais tenho muito orgulho em ser irmão gêmeo.

No ano seguinte tivemos aumento salarial duas vezes, chegando juntos ao Grau 3. Por motivos profissionais tive que afastar-me das atividades da Loja durante um bom período, durante o qual senti muita falta do convívio entre os irmãos, tanto em Loja quanto no nosso sempre acalorado ágape.

Resumindo, é muito bom estar entre irmãos! E que venham os próximos 33 anos da Loja União Brasileira!

O Espírito de fraternidade na Loja União Brasileira

Edson P. Ribeiro

Fazer parte da Maçonaria é realmente uma honra! Principalmente quando relembro fatos históricos cujos fundamentos foram dados em Lojas Maçônicas, quando começamos a estudar a história da Arte Real e nos deparamos com figuras ilustres que hoje emprestam seus nomes a ruas, edifícios, monumentos etc., sobretudo em nossa cidade e Estado.

Além de espíritos honestos e íntegros, a passagem por esta escola de mistérios os fez mais dignos, confiantes, corajosos e intuitivos às necessidades suas, de suas famílias e comunidade. É este espírito que nos une e que a simbologia explica. Gota a gota vem ao nosso entendimento e como brisa suave nos esclarece sobre as leis da vida.

Inicialmente a simbologia nos parece surreal e sem sentido, porém em análise com os fatos da vida e observação mais apurada, podemos perceber que o caminho está escrito. Quem tem olhos para ver que o veja! Olhos para ver, cabeça para pensar, coração para sentir, liberdade para agir. Sim, definitivamente somos homens livres e de bons costumes, com humildade para reconhecer os sublimes ensinamentos que há muito foram recebidos, testados e eternizados.

É a sabedoria cingindo a ciência, pois muitos assuntos hoje estudados pela ciência há muito estão contidos nos detalhes dos templos da Sublime Ordem. Isto nos faz diferentes, pois esse conhecimento nos traz a responsabilidade do bom uso; alegar ignorância agora já não cabe. “Cavar masmorras aos vícios e erguer templos às virtudes” pode ser comparado a “Lei do Carma”, “Semeadura livre, colheita obrigatória”, “Lei de Causa e Efeito”, “Fundamentos da Física Quântica”, etc.

A prática da Liberdade, Igualdade, Fraternidade no seio do templo, singelos gestos de atenção e cuidado com os Iir.º, orgulho e alegria com o sucesso de qualquer um de nossos Iir.º, seja na esfera pessoal, quanto profissional, demonstram que o espírito de Fraternidade reina entre os obreiros da Loja União Brasileira,

É esse espírito de fraternidade e lealdade, levado com seriedade, que nos remete a ideia de como somos iguais (na realidade todos somos um), e realça dentro de nós o sentimento de Liberdade para agir e criar com Justiça e Coragem um mundo melhor!

A Maçonaria nos quer como exemplo a ser seguido. Estudemos, coloquemos em prática toda essa riqueza de ensinamento que nos é dada e seremos homens melhores em um mundo melhor!

Deixo aqui meus agradecimentos aos que aqui estiveram antes de mim e, que por mais humilde que tenha sido sua contribuição, foi fundamental para que a Loja União Brasileira seja forte e reconhecida como é hoje, sobretudo aos Iir.º. que corajosamente decidiram fundar o Ilustre e Sublime Capitulo União Brasileira, hoje transformado em Grande Oficina Integrada de Graus Superiores e que, pela própria humildade, não têm noção do bem que fizeram ao Rito Brasileiro e aos que por essa escola hoje passam e futuramente outros passarão.

A todos os meus Iir.º. só tenho que agradecer pela feliz convivência dos últimos quatro anos de minha vida.

Os símbolos têm vida

Emilio Federico Aceval Arriola

Desde pequeno assistia ao meu pai vestir-se, todas as segundas-feiras, com um terno preto. Numa bolsa guardava um tipo de

avental estranho com muitos símbolos. Isso fazia para ir às suas “reuniões” como ele dizia. Sempre fiquei intrigado, interessado sobre aquela vestimenta e aqueles símbolos. Comecei a notar no quarto dele alguns pingentes triangulares com um olho no meio, relógios com o símbolo do esquadro e o compasso e a letra G no meio e alguns livros que falavam sobre Maçonaria.

Com o passar do tempo, aquilo foi ficando comum na minha casa. Fui acostumando-me a tais símbolos, participava com a minha família de jantares, almoços num templo muito estranho e ao mesmo tempo muito bonito para mim, pela quantidade de símbolos, pinturas, esculturas que havia lá. Ficava brincando dentro do templo com os meus “primos”, como o meu pai me dizia, de cavalheiros com as espadas que ali encontrávamos detrás das cadeiras da Loja.

Um dia, um “primo” descobriu uma escada que levava a uma sala subterrânea na qual as paredes eram todas pretas e onde encontramos um crânio que nos fez sair correndo assustados. Desde a minha infância, esse mundo de símbolos e fraternidade já se fazia habitual na minha vida.

O tempo passou assim como a infância. Na adolescência ingressei no Capítulo DeMolay, sendo iniciado na cidade de Foz de Iguaçu. Como no Paraguai não existia ainda um Capítulo deste, fomos os primeiros a levar para o nosso país esta Sublime Ordem, sendo orientados e patrocinados pelos nossos ilustres tios maçons.

Decidi estudar fora do meu país, escolhendo o lugar onde passaria a fase de desenvolvimento que todos passamos, na cidade de Florianópolis deste maravilhoso país. Ingressei na faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina movido por fome e sede de conhecimento que provinham de inquietações muito fortes sobre tudo o que concerne ao conhecimento essencial e à simbologia.

Segundo Carl Gustav Jung, o símbolo é uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos numa síntese que vai

além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pode ser formulada dentro de conceitos. Inconsciente e consciente aproximam-se. Assim, o símbolo não é racional nem irracional, porém as duas coisas ao mesmo tempo. Se é de uma parte acessível à razão, de outra parte lhe escapa para vir fazer vibrar cordas ocultas no inconsciente. Um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pres sentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória.

Em 2007, recebi o convite para ingressar na Benemérita Augusta e Respeitável Loja Simbólica União Brasileira nº 2085 através do meu ilustre padrinho Ir.: Daniel Barreto. A ele sou profundamente grato por ter me proporcionado esta oportunidade única de fazer parte desta Sublime Ordem e desta Magnífica Loja e poder beber da fonte desta maravilhosa Instituição e de seus Símbolos.

Fui iniciado no dia 27 de maio de 2008 na venerabilidade de 2007 – 2008, exercida pelo Ir.: Antonio Benz. Aquele dia foi especial, pois nasci para o mundo maçônico e vi a Luz do S.:A.:D.:U.: pela primeira vez com os olhos de um iniciado, um aprendiz que tendo procurado muito, agora o tinha encontrado. Na ocasião não podia faltar aquele que me apresentou a esta Sublime Ordem desde a minha infância, o meu pai, Federico Aceval Paniagua, dia em que, além de pai, tornou-se o meu Irmão, representando a *Aug.: Resp.: Log.: Simb.: Fraternidad* nº 121 do *Vall.: Ciudad del Este – Or.: Paraguay*.

Os irmãos que fazem parte desta Loja União Brasileira não mediram esforços para me acolher como a um novo Ir.: Receberam-me de braços abertos e com um T.:F.:A.: selaram assim o respeito e carinho que tenho por todos os Obreiros do Quadro da nossa Loja. Eles são a minha segunda família, a minha família brasileira. Tenho orgulho de estar em união com todos esses irmãos.

Presto minha homenagem a todos os Iir.: que tornaram realidade esse sonho no dia em que esta Loja foi fundada; a todos os seus primeiros obreiros e a todos os atuais, que se dedicaram e ainda se dedicam de corpo e alma a levantar cada tijolo para que hoje estejamos comemorando os 33 anos desta Sublime Loja União Brasileira.

Os símbolos têm vida. Atuam. Alcançam dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. Transmitem intuições altamente estimulantes prenunciadoras de fenômenos ainda desconhecidos. Mas desde que seu conteúdo misterioso venha a ser apreendido pelo pensamento lógico, esvaziam-se e morrem.

Que todos os Iir. da Loja União Brasileira nº 2085 levem em seus corações esses valiosos símbolos.

A Iniciação, um marco em minha vida

Enrique A. M. Medina

No fim da década de 60 foi a primeira vez que ouvi falar em Maçonaria. Estudava no Liceu Eduardo de La Barra, escola pública nº 1 da cidade de Valparaíso, no Chile (era de primeiro e segundo grau). Essa escola foi o berço de estudos de homens como Pablo Neruda, Salvador Allende e outros grandes políticos com longa atuação no Senado e na Câmara de Deputados, nas Municipalidades e nos campos da saúde, tecnologia, letras e ciências sociais e econômicas.

Acontece que eu fiquei sabendo que meu professor da sexta série do primeiro grau era maçom. Descobri através da mãe de um amigo do bairro onde morava. Ela falava da Maçonaria como uma organização oculta, proibida e sinistra. Essa era a forma dessa mulher se referir à Ordem Maçônica.

Passaram os anos e eu sempre tive dúvida acerca do que era essa sociedade tão misteriosa, da qual ninguém sabia nada e todos tratavam de evitar qualquer comentário ou opinião. Assim foi passando o tempo e eu continuava com a minha dúvida e desconhecimento.

Veio a época universitária no Chile, onde as preocupações acadêmicas e políticas ocupavam toda a atenção da vida de estudante de nível superior. O golpe militar do Pinochet ocorreu justamente no ano em que terminaria meus estudos universitários. Dois anos após a instalação da ditadura militar, decidi com muita mágoa e sentimento de impotência ir embora, por não poder fazer nada contra aquela situação, além do que as possibilidades de trabalho, estudo e realização eram totalmente nulas.

Decidi refazer minha vida no exterior. Tomando informações sobre países onde poderia ir, escolhi o Brasil, sendo São Paulo a minha grande escola de vida, de aprendizagem profissional e onde me senti cidadão do mundo. Foi difícil o começo, como para todo imigrante, mas consegui “dar a volta por cima” e conquistei meu espaço profissional na construção civil, especificamente na área de pré-moldados de grande porte.

Em São Paulo já tive um pouco mais de contato com a Maçonaria. Conheci muitas pessoas que pertenciam à nossa Ordem, mas como eu não era maçom, nunca tive a oportunidade de perguntar ou saber dos mesmos maçons aquilo que tanto queria saber desde a minha infância. Dessa forma, até ali nada tinha avançado em relação aos meus conhecimentos sobre a Ordem Maçônica.

Quando cheguei pela primeira vez a Florianópolis, sofri a flechada do amor à primeira vista por essa linda cidade. Tomei a decisão de vir morar aqui e a partir de minhas novas atividades na cidade tive a grande felicidade de ter amigos maçons, os quais contribuíram para dar resposta aos meus questionamentos que ficaram adormecidos durante quase a maior parte de minha vida. Com a atividade de restaurante fizemos muitos jantares

para grandes mestres do Tribunal de Contas do Estado e da Assembleia Legislativa do Estado.

Fiquei sabendo então que a Maçonaria era uma entidade de caráter filantrópico e que era mantenedora de várias obras sociais. Isso foi contribuindo para que o meu conceito sobre a Ordem passasse de uma situação obscura para palavras como solidariedade e fraternidade, assuntos que me chamaram muito a atenção. Procurei durante muitos anos a maneira de ingressar nesse grupo de pessoas misteriosas que faziam o bem para os mais desprotegidos.

Como nada acontece por acaso, terminando meu mestrado na UFSC, fui convidado para abrir uma faculdade de administração em Realeza, no Paraná. Naquela cidade conheci o Rotary, oportunidade em que me convidaram para afiliar-me. Naquele clube descobri que muitos membros do Rotary eram maçons. Continuei pesquisando e tentando algum dia fazer parte desse grupo que cada dia admirava mais, até que certa vez, numa reunião festiva do Rotary Club ao qual pertencia aqui em Florianópolis, o meu padrinho, também rotariano, Ir.º Antonio Benz, me fez o tão esperado convite para ingressar na Sublime Ordem. Não pensei duas vezes para dizer que sim.

O dia da minha Iniciação foi uma data que vai ficar marcada pelo resto da minha vida, pois aconteceram três fatos que jamais sairão da minha memória:

- ☞ No dia 27 de maio de 2008 fui iniciado na Maçonaria na Loja União Brasileira. A cerimônia foi até depois de meia noite e, com a festa e tudo, cheguei em casa após uma hora da madrugada;
- ☞ Estava com passagem marcada para às seis horas da manhã de 28 de maio, no Aeroporto de Florianópolis, com conexão em São Paulo para Santiago do Chile às sete horas. Iria ver meu pai que estava hospitalizado com sérios problemas de saúde. Só consegui chegar à casa dos meus pais às dez da

noite do mesmo dia, mas nesse horário não podia entrar no hospital. Tive que me resignar a esperar o dia seguinte, mas à meia noite e meia ligaram do hospital informando que meu pai tinha falecido.

- ☞ No dia 29 de maio mandei um e-mail para minha Loja dizendo que meu pai falecera e que teria que ficar por algumas semanas no Chile e não poderia assistir as reuniões seguintes. A resposta a essa mensagem foi o terceiro fato que não vou esquecer nunca. Nosso Ir.: KiKo, ocupando o cargo de Chanceler, respondeu dando-me as condolências e dizendo que eu tinha perdido meu pai, mas também “tinha acabado de ganhar mais de cem irmãos que sempre estarão zelando por ti”.

Estes três fatos, acontecidos de forma sequencial, foram de suma relevância na minha vida. É por esta razão que tenho uma especial gratidão a todos os meus irmãos pela acolhida e pela amizade que entre nós cultivamos com muito carinho.

Uma Loja de União

Fernando Antonio Marinho

Frequento a Augusta e Respeitável Loja Simbólica União Brasileira desde a época da Venerabilidade do Ir.: Antonio Bencz, na condição de visitante por convite do Ir.: Juliano Kremer, quando da nossa identificação como maçons, mesmo sendo conhecidos de muitos anos atrás. Nasci e faço parte do Quadro da Augusta e Respeitável Loja Simbólica Zohar nº 2948, do Rito Adonhiramita, que na época enfrentava dificuldades com a quantidade de obreiros, muitas vezes sem “quorum” para realizar suas sessões. Minha Loja também tinha problemas pela falta de estrutura orga-

nizacional e de planejamento, realidade de muitas Lojas jurisdicionadas ao GOB e certamente por outras potências maçônicas.

Visitando a Loja União Brasileira pela primeira vez, confesso que fiquei impressionado e pude sentir o verdadeiro espírito maçônico já na recepção na sala do P.º.P.º., pela calorosa acolhida dos Iir.º. mesmo para um simples Aprendiz de outra Loja. Senti-me valorizado e realmente entre irmãos, sentindo a energia que unia os obreiros dessa Augusta Oficina e do bellissimo Rito Brasileiro. Outra característica que marcou muito foi o número expressivo de obreiros, ocupando todos os cargos em Loja de maneira ímpar e impecável, bem como na execução perfeita da ritualística e com um número considerável de irmãos visitantes.

Vários aspectos chamavam-me a atenção. Um deles era a constante apresentação de trabalhos, tanto de Aprendizes como Companheiros e Mestres, sejam eles de instrução, com apresentações de irmãos de outras lojas, ou do quadro “Quem sou eu”, no qual o obreiro expunha quem ele era no mundo profano e no mundo maçônico, falando sobre sua vida, sua família, seu trabalho e seus anseios, fazendo com que as sessões se tornassem muito mais interessantes e instrutivas.

Continuei visitando a Loja como Aprendiz, depois como Companheiro e como Mestre Maçom, nas Venerabilidades dos Iir.º. Itamar Oliveira e João Roberto Wiese, sempre percebendo que egrégora da Loja se fortalecia com o passar do tempo, justamente pelo planejamento e pela correta condução dos trabalhos. Participei de sessões de Iniciação, Elevação, Exaltação, Banquete Ritualístico e de Instalação de Venerável Mestre, além de várias sessões ordinárias que sempre agregavam algum conhecimento para meu crescimento pessoal no mundo maçônico como também no mundo profano, mas sempre na condição de visitante, mesmo recebendo inúmeros convites dos Iir.º. Juliano Kremer e João Wiese para filiar-me à Loja.

Nesse período tive a oportunidade de relacionar-me com vários irmãos da Loja, seja no campo profissional como no campo pessoal e pude observar que a energia que nos unia no Templo era a mesma que nos unia fora do Templo de maneira atemporal. Para mim, é notável como se estabelece laços de fraternidade que são presentes em minha vida para sempre e que de certa maneira fortalece-me para que eu tenha condições de pensar sempre no polimento da pedra cúbica.

Em 18 de maio de 2010, filiei-me oficialmente à Loja União Brasileira e desde então faço parte do Quadro dessa Oficina, bem como da Grande Oficina Integrada de Graus Superiores, que está me proporcionando condições para alcançar avanços na Maçonaria e de ter contato com o ideal maçônico sob outra perspectiva.

As características da Loja realmente exaltam a união, a igualdade e a fraternidade, pelo seu exemplo de planejamento e organização, seja pela qualidade dos obreiros do Quadro, pelo grau de comprometimento e de doação para com as atividades da Loja, ou ainda pela dedicação aos princípios que norteiam a Maçonaria. Fazer parte deste núcleo de fraternidade, onde encontro possibilidades concretas de estudar e de evoluir no pensamento em busca de maior sabedoria e de conseguir desenvolver minhas potencialidades, faz sentir-me privilegiado de conviver com irmãos tão especiais e tão presentes na minha vida e na de minha família.

Esses 33 anos de história são um marco para a história da Maçonaria Catarinense e quiçá da Maçonaria Brasileira, pois uma Loja com tantas qualidades, que ao longo do tempo pôde evoluir, enfrentando dificuldades como tantas outras, mas persistindo e agregando qualidade ao Quadro de Obreiros, respeitando os ideais maçônicos na íntegra e preservando sua ritualística e seus conhecimentos de tantos anos de forma harmônica, torna-se referência. Parabéns aos irmãos que contribuíram e que ainda contribuem para que esse trabalho seja realizado, fazendo da Loja União Brasileira o que ela é hoje e o que ela será daqui a mais 33

anos. Que o S.:A.:D.:U.: nos ilumine para que possamos avançar na nossa caminhada e que a “harmonia, a paz e a concórdia sejam a tríplice argamassa com que se liguem as nossas obras”.

A Exaltação de um irmão especial

Fernando Zornitta Pimentel

Há tempos esperava para relatar essa história e acredito que somente não a tenha escrito antes devido à falta de um motivo especial. Eis que surge então, verdadeiramente, uma excelente oportunidade para por em prática, ou seja, colocar no papel, esse que a meu ver foi um dos grandes momentos que vivi nos nove anos de convívio na Loja União Brasileira.

Foi aí que me vi resgatando os detalhes de uma sessão inesquecível, que veio ao encontro de um dos preceitos mais importantes impressos em nosso ritual: *fazer novos progressos na Maçonaria*. Contudo, só consegui perceber a dimensão da dificuldade em realizar tal feito quando comecei a escrever a primeira linha deste singelo, porém sincero, relato. Aliás, escrevi e reescrevi várias vezes desde o dia em que o nosso atual Venerável Mestre, o amoroso irmão Maurício, lançou a ideia de publicar este livro em comemoração aos 30 anos de fundação da Loja União Brasileira e que se materializa agora no 33º aniversário.

Evidentemente que não foi uma tarefa fácil elaborar este depoimento, pois descrever sentimentos vai muito mais além do que reproduzir um texto repleto de palavras bonitas ou complicadas. É preciso criar uma atmosfera carregada de emoções, em uma narrativa capaz de transformar o imaginário em realidade e que se possa fazer enxergar, mesmo que por poucos instantes, os intuitos de quem abre o seu coração.

Quatro anos após o evento testemunhado, é importante dizer que os parágrafos que se seguem não têm a menor pretensão de convencer o leitor sobre quaisquer fundamentos acerca da vida (ou da morte) nem tampouco estabelecer critérios para se definir o que é correto ou não em nossa Instituição. Eles apenas refletem a minha visão pessoal, que acredito ser compatível com a da maioria dos irmãos, se não da totalidade, que participaram deste formidável acontecimento.

... Sala dos Passos Perdidos, Condomínio da Fraternidade da Arte Real, casa da Augusta e Respeitável Loja Simbólica União Brasileira. Começa aqui a nossa aventura, ou melhor, a nossa missão, quando presencio dois ou três Mestres tratando sobre a melhor forma de conduzir a Sessão Magna de Exaltação de um irmão especial ...

Cabe fazer um reflexão, pois quem é Mestre sabe que a sessão de colação ao terceiro Grau é uma das mais emocionantes e emblemáticas da Maçonaria Simbólica e não por acaso é o ápice da mesma. Dali em diante, o maçom para continuar evoluindo na Sublime Ordem, deve ingressar nos Graus Superiores, iniciando uma nova jornada na vida maçônica.

... Neste momento eu percebi que estaria diante de uma sessão diferente de todas que eu já participara nos meus poucos anos de Maçonaria, pois tratava-se propriamente da Exaltação ao Grau de Mestre do Respeitável Irmão Claudomiro Montagnini ...

Talvez algumas pessoas possam estranhar o fato de eu estar escrevendo sobre a trajetória de um irmão com o qual tive, lamentavelmente, pouco contato. No entanto, a intenção deste relato é justamente a de expressar sobre a minha vida e o que

eu aprendi com as atitudes do Irmão Montagnini, mesmo no que parecia ser os seus últimos momentos de permanência aqui neste plano. Longe de ser um texto melancólico, muito pelo contrário, o que pretendo é realizar uma celebração à vida. A vida de um irmão que passou por nossa Loja e ali deixou a sua marca, o seu legado e a sua vontade de continuar evoluindo na Ordem. Por isso, peço permissão para continuar.

... É claro que a iniciativa de realizar tal sessão ocorreu algum tempo antes, por meio do admirável Irmão Antônio Bencz, o nosso *Toninho*, pois além de 1º Vigilante, era o padrinho e o mais próximo do mesmo naquele delicado momento. Sabia-se que seria imprescindível um cuidado especial, por tratar-se de um irmão um tanto quanto debilitado devido ao tratamento de um câncer em estágio avançado. O fato é que de imediato o Venerável Mestre a época, o Irmão Luiz Cláudio Comarella, dotado de uma sabedoria que lhe é bastante peculiar – a de lidar com as pessoas – não só aceitou a idéia, mas passou a planejar a realização da mesma com alguns Mestres Instalados e outras lideranças da Loja, recebendo o apoio de todos para o cumprimento de tão bela homenagem ...

Penso que o poder da mente humana é algo surpreendente, capaz de atingir coisas inimagináveis. Coisas que nem a ciência em determinadas circunstâncias conseguiria explicar. Mas e o corpo humano? Até onde é capaz de chegar? Somente força de vontade seria capaz de mover um corpo bastante debilitado? Ou seria a somatória de vários pensamentos voltados para a mesma finalidade que impulsionaria alguém para o alcance de seus objetivos?

...Devo admitir ter, erroneamente, pensado que não seria fácil vivenciar a Lenda de Hiram naquela noite de primavera

de 2006. Em todas as iniciações ou colações de graus na Maçonaria, há de se realizar uma cerimônia, e o candidato tem de estar tanto física, quanto mentalmente preparado. Lembro-me muito bem do Irmão Montagnini chegando à Loja para aquela sessão, que, diga-se de passagem, foi à última de que participou. Corpo franzino, bengala em punho, respiração cadenciada, mas inacreditavelmente sereno e focado no seu objetivo de tornar-se Mestre Maçom da Loja União Brasileira. Atento a tudo o que acontecia ao seu redor. E como se fosse uma situação visivelmente normal, sob o comando do generoso Irmão Comarella, os Mestres da Loja fizeram com que a egrégora, predominantemente presente em nossa Loja, brilhasse cada vez mais forte, minimizando qualquer dificuldade que pudesse existir em virtude das condições físicas do nosso irmão ...

Na realidade, meus irmãos, este depoimento tem por objetivo prestar uma homenagem não só ao Irmão Montagnini, mas especialmente a todos aqueles que participaram desse acontecimento, que faz parte da história recente da Loja, e que de fato me possibilitou vivenciar um momento de intensa fraternidade e dedicação ao próximo. Cumprimos a missão de exaltar ao Grau de Mestre Maçom um irmão que não somente merecia, mas, sobretudo, queria atingir esta condição. Realizamos, quem sabe, um de seus últimos desejos aqui na terra. Alguns meses depois, coincidentemente em uma terça-feira, após uma sessão ordinária, recebemos a triste notícia que o nosso irmão havia acabado de passar para o oriente eterno. Através da assinatura no livro de presenças, com a letra quase que ilegível devido à falta de firmeza nas mãos, às vezes eu reflito sobre a sua passagem em nossas vidas, o que me permite extrair algumas lições, dentre as quais eu destaco: vontade de querer mais; evoluir, compartilhar, perseverar; ou simplesmente, conviver com os irmãos!

Um fraterno abraço do Irmão Fernando Zornitta Pimentel a todos os irmãos da Loja União Brasileira e em cada um em particular. Parabéns, a nós, pelos 33 anos.

... E se fez a glória que tomou conta de todos ao final daquela sessão.

Família e Maçonaria ou família maçônica?

Gabriel Mourão Kazapi

O desafio de escrever sobre uma passagem específica na A.ºR.ºL.ºS.º União Brasileira ou de uma experiência em minha vida maçônica, me fez passar por um turbilhão de ideias e sentimentos, uma vez que a Sublime Instituição envolveu minha vida de uma forma tão perene e indelével que acabo por ter dificuldades em eleger um episódio isolado para aqui narrar.

Dessa mistura incandescente que permeou minha alma, acabei deparando-me com o título deste rascunho. À olhos nus, há quase uma certeza de que as expressões cunhadas detém conceitos distintos e facilmente separáveis, *ex vi* de suas particularidades.

Porém, quando parei para questionar-me, em um processo maiêutico, acabei por compreender que as expressões se confundem, pois a Instituição Maçonaria, quando deixamos que seus conceitos de fato permeiem nossos atos, acaba por se incorporar à nossa família *strictu sensu*.

Para melhor expor meu ponto de vista, discorrerei acerca de duas passagens recentes de minha vida.

É muito comum em Nossa Ordem que os pais indiquem seus filhos à Iniciação, como um processo de reconhecimento de sua maturidade como homens livres e de bons costumes, bem como por entenderem que o ambiente que se vive em Loja lhes propor-

cionará um aperfeiçoamento sem fim do caráter e das relações humanas interpessoais.

Ocorre que, em novembro de 2009, tive a especial ventura de, por intermédio de minha indicação, ver meu pai vislumbrar o alvorecer de um novo horizonte através da luz que lhe foi concedida em nossa Loja.

A iniciação maçônica de um pai por indicação de seu filho acabou, por motivos óbvios, chamando a atenção de todos os presentes, bem como marcou aquela sessão magna de Iniciação.

Nesse momento singelo, apesar das naturais emoções que tomariam conta do coração de qualquer homem, pude compreender o porquê de minha indicação e certeza de que aquele era o lugar certo para levar meu pai.

Meu pai, expressão carregada de significados de per si, que para mim significa, de forma resumida, meu exemplo de homem. Portanto, naquele novembro, pude presenciar meu modelo de bom homem ser integrado ao meu modelo de Instituição. A imbricação desses conceitos me deu a certeza de que devo encarar a Instituição como minha família.

Outro episódio que gostaria de compartilhar, a fim de expor meu ponto de vista sobre a sinonímia das expressões que compõem o título, foi ainda mais pessoal.

Em fevereiro de 2010, fui acometido por um processo infeccioso que acabou por alastrar-se por meu corpo e instalou-se de maneira insidiosa nos meus pulmões e no meu coração.

Como diria Nelson Rodrigues, é óbvio ululante que aquele foi um momento deveras delicado de minha existência mundana, pois acabei impotente em um leito de hospital. Na ocasião, o apoio da Instituição, em especial dos irmãos do Quadro da Loja União Brasileira, a mim e aos meus, foi algo inestimável.

Recebi, naqueles mais de 40 dias de internação hospitalar, mais de uma centena de visitas dos irmãos e cunhadas, que levavam energia positiva em prol de minha pronta recuperação, bem como oferta-

vam tudo o que tinham a sua disposição para a resolução da moléstia que me acometia. O tudo aqui é exatamente isso: a completude, os meios físicos, financeiros e espirituais que se fizessem necessários.

Minha esposa, minha filha (tesouro especial para mim) e meus pais, que mais me amparavam naquele momento, relatam que acabaram por serem reforçados por um time que embarcou naquela incessante luta, sem qualquer vaidade, despidos da necessidade de mérito, com o único fito de colaborar com um dos seus.

Recebi no hospital, assim como em minha casa posteriormente, desde o mais antigo dos Mestres Instalados da Loja ao mais recém iniciado dos Aprendizes. Durante todo o episódio me senti amado por todos os irmãos, sendo que como produto desse carinho me senti amparado, numa verdadeira família. Falando em família, nesse caso minha família também restou amparada pela Instituição Maçônica.

Dessas breves palavras, gostaria que restasse ao leitor cuidadoso deste livro comemorativo, não o simples relato, mas sim o meu mais profundo e sincero agradecimento aos milhões de irmãos espalhados pela superfície da Terra por cultivarem os princípios milenares da Sublime Instituição.

Em corolário, digo que tenho a certeza de que entreguei em confiança o homem que me moldou à nossa Ordem, bem como nossa Ordem entregou-me o conforto necessário no momento de maior necessidade, transformando, para mim, todos os seus membros em parte da minha família!

Pedra bruta a polir

Giani Lee Geremias

A Maçonaria proporciona-me a oportunidade de rever e desenvolver conceitos com relação ao comportamento do ser humano.

Entendo que temos vários desafios durante nossa rotina diária no mundo profano, como vencer nossas paixões, submeter nossas vontades, cavar masmorras aos vícios e levantar templos às virtudes.

Se conseguirmos realizar estas premissas básicas da Maçonaria, podemos transformar o nosso comportamento perante a sociedade. Lembro que temos uma eterna pedra bruta dentro de nós e trabalhamos incessantemente para poli-la.

Além do que já foi citado, temos um ótimo convívio com os irmãos da Loja União Brasileira e isso também pode ser aproveitado para o nosso dia a dia.

Um maçom em gestação

Israel de Jesus Lisboa

No ano de 1981, recém formado em Direito, resolvi conciliar minha profissão de corretor de imóveis, que exercia desde 1969, com a atividade jurídica. Estabeleci, então, meu escritório de consultoria de negócios imobiliários na Rua dos Ilhéus, nº 10, na galeria do edifício Adolfo Zigelli, no centro de Florianópolis, numa loja que adquirira recentemente da Construtora A. Gonzaga S.A, minha antiga empregadora. Naquela empresa já ouvira seu presidente, Admar Gonzaga -- de quem me tornei também amigo e elegi um de meus modelos profissionais -- falar sobre um de seus filhos que era médico no Rio de Janeiro, Augusto Gonzaga.

Em meu escritório passei a receber antigos clientes e a fazer novos. Também fazia parceira de negócios com alguns corretores autônomos -- dentre eles o amigo João Roque Cardoso -- e aconselhava outros. Nessa época ainda me envolvia com a administração do Conselho Regional de Corretores de Imóveis, do qual fui fundador, tesoureiro e posteriormente secretário. Den-

tre os conselheiros do CRECI/SC havia um, Saturnino Eduardo Cardoso, que aproximou-se de mim e de meu escritório de forma especial. Ele gostava de visitar-me ao final da tarde para conversarmos. Chegou mesmo a tomar a liberdade de trazer uma garrafa de vinho que guardava na geladeira de minha sala. Concedi-lhe a liberalidade e ele passava em meu escritório para beber uma taça, sempre que podia, às escondidas da família, e renovava a garrafa à minha revelia. Chamou-me atenção, no entanto, o fato de que certo dia da semana Saturnino Cardoso veio ao meu escritório trajando um elegante smoking. Eu logo quis saber que festa *black tie* era aquela e por quê ele não me convidara. Meu amigo desconversou, disse ser uma festa de um grupo ao qual um dia me apresentaria, bebeu sua taça e saiu.

Algumas semanas se passaram. Certo dia, ao final do expediente, Saturnino apareceu e convidou-me para comermos uma pizza num dos bares da Avenida Beira Mar Norte, que costeia o centro de Floripa. Aceitei. Durante todo o tempo meu amigo não disse uma palavra sobre a tal festa a que fora em traje de gala. Nem eu arrisquei-me a perguntar. Ao final do jantar, no entanto, perguntou-me se eu já ouvira falar em Maçonaria e se tinha alguma opinião formada sobre tal assunto. Respondi-lhe que não sabia praticamente nada, exceto que ouvira falar que se tratava de uma sociedade fechada de apoio mútuo. Meu amigo deu-se por satisfeito e disse-me que poderia levar-me algum material de leitura sobre o tema. Concordei.

Dias após Saturnino retornava ao meu escritório. Dessa vez trazia um envelope contendo um questionário maçônico e um texto explicativo sobre Maçonaria. Senti-me honrado ao saber que meu amigo era maçom e orgulhoso por receber o convite. Dias depois devolvi-lhe o material com o questionário preenchido e assinado. Saturnino voltou poucas vezes ao meu escritório. Adoecera. Visitei-o em sua casa. Recebeu-me no que viria a ser seu leito de morte pouco tempo depois. Brincou que sentia

saudades “daquilo” que guardava na geladeira de meu escritório. Trocamos um sorriso de cumplicidade e os familiares presentes não entenderam. Com o falecimento de meu amigo dei por cancelado meu ingresso na Maçonaria.

Dois anos transcorreram. Nessa época eu já era pai de dois garotos: Guilherme Rodrigues de Lisboa, nascido em 1978 e Augusto Rodrigues de Lisboa, nascido em 1981. Em maio de 1983 vendi meu escritório e adquirei uma imobiliária sediada no Estreito, um bairro de Floripa, localizado na área continental. Antônio Imóveis era uma grande corretora e administradora predial cujo proprietário encontrava-se endividado e com uma doença incurável, mantida em segredo. Assumi o negócio com as dívidas, a equipe de funcionários e de corretores e os contratos de corretagem e administração e criei a empresa Predial Lisboa Ltda. José Maria Zilli da Silva era um dos gerentes de vendas e José Ailto Rosa um dos corretores.

No segundo semestre de 1983 fui procurado em meu gabinete na Predial Lisboa Ltda. por um senhor que se apresentou à secretária como coronel PM reformado. Era o maçom Mário Dezerto da Silva, que acabara de ser eleito Venerável Mestre da Loja União Brasileira e estava organizando a entidade. Explicou-me que encontrara em uma das gavetas o meu requerimento e desejava saber se eu ainda mantinha interesse em ser admitido. Apesar do grande lapso temporal fiquei encantado com o interesse daquele maçom em dar continuidade ao projeto de meu falecido amigo. Reconfirmei o aceite em homenagem a ambos.

Em 21 de abril de 1984 via-me iniciado maçom com dois padrinhos: Mário Dezerto da Silva, que me adotara e Saturnino Eduardo Cardoso, in memoriam. E iniciado na companhia também de dois outros neófitos: João José Victório Dorigon e Roberto Ziermã. Dentre os maçons presentes nas primeiras sessões de que participei encontrava-se um antigo colega da Faculdade de Direito: Antônio Gouveia de Medeiros.

Na Maçonaria encontrei meu renascimento e fundei novas e valiosas amizades. Os nomes de alguns desses amigos estão grafados ao longo deste livro e outros são autores de valiosos depoimentos aqui inseridos.

Nessas três décadas de convívio na Ordem vi abrir-se diante de mim um novo mundo espiritual, social, familiar e profissional. Entendi como tantos humanos puderam encontrar nesta vida novas dimensões com as quais sonharam e tornaram reais. Compreendi, afinal, que se o mundo é redondo, a vida é um círculo. E no fim do círculo está o início. O tempo passa ... 33 anos se vão. E tudo recomeça, tudo renasce.

Como ser mais fraterno e tolerante

Ivan Robson Flores

Para aqueles que procuram uma leitura dessa ordem, é porque pretendem conhecer, intimamente, a História da Loja União Brasileira e de seus membros. Nada melhor para conhecê-la do que de forma fragmentada no depoimento de cada um dos participantes dessa Augusta Loja e reunidos nesse livro com a participação de todos. Pois bem! Recebi um convite de meu consogro José Aildo Rosa para ser iniciado na Ordem, convite esse feito sem muita orientação, além das mínimas obrigatórias para um neófito, que de pronto aceitei e aguardei por todos aqueles procedimentos que antecipam a Iniciação, o que aconteceu em 26 de outubro de 2004. A Elevação ocorreu em 04 de outubro de 2005 e a Exaltação em 25 de abril de 2006. Os Graus Filosóficos estou fazendo conforme a vida me permite. Com a ajuda de todos e do Supremo Arquiteto do Universo, conseguirei.

Tenho um afilhado, que correspondeu plenamente às minhas expectativas, o meu querido Marcelo Bohrer. O meu filho

de sangue Davi Robson Flores foi iniciado no Rito York pelo Eminente Irmão Ib Silva, perdendo eu de iniciá-lo na Loja União Brasileira e no Rito Brasileiro. O mais importante é que a convivência com todos, em Loja e fora dela, faz a diferença, pois revi meus conceitos em relação à sociedade, à religião e à família, tornando-me um homem mais fraterno, mais tolerante e menos agressivo, vivendo melhor com minha consciência.

As confraternizações maçônicas também mostram o lado mais descontraído de todos, pois surgem os verdadeiros gourmets, os humoristas, os bons de garfo (que comem bem), os mais novos aproveitando o momento para conversar com os mais velhos e aprender, pensando que os mais velhos também não aprendem. Enfim, estar participando da comemoração dos 33 anos de Loja União Brasileira é uma emoção indescritível. Que o Supremo Arquiteto do Universo me permita passar para o Oriente Eterno como um verdadeiro maçom.

Uma história de pescaria

Ivo Borchardt

Os Irmãos Carlos Tadeu Tavares (Grandes Lojas), José Carlos Toro (Perfeição de Biguaçu) e eu resolvemos fazer uma viagem para pescar no Mato Grosso do Sul. Para a empreitada convidamos também Geraldo Gregório Jerônimo, na época profano. Decidida a data (agosto de 2001), começamos a preparar o trajeto. Todos hão de convir que o melhor da pescaria é a preparação. E com essa não foi diferente. Sairíamos à meia noite, em direção a Curitiba, norte do Paraná, Sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul. A primeira parada foi programada no Mato Grosso do Sul, na cidade de Salobra, depois em Miranda e por último Corumbá.

Combinou-se, que não haveria outras paradas, exceto aquelas necessárias para refeição e esticar as pernas, bem como, alguns cafés convenientes. O volante seria revezado a cada duas horas, vez que assim ninguém se cansaria, ficando acordados o piloto e co-piloto e os demais poderiam relaxar. A viagem foi, de fato, uma tranquilidade só, tirando o fato do então profano Geraldo já demonstrar seus dotes de ás no volante, vez que apesar de sua segurança, quando ele dirigia o ponteiro não baixava dos três dígitos...

Tivemos um inconveniente no norte do Paraná, quando nos perdemos e fomos parar na porta de uma usina de açúcar, onde gentilmente fomos recebidos pelos “guardas” de armas em punho e nos convidando para dar meia volta imediatamente, de preferência sem olhar para trás. Porém, tudo é festa. Seguimos o rumo e sabíamos que estávamos para chegar na primeira parada da pescaria, em Salobra. Os mapas e o horário assim indicavam.

Os marcos de estrada anteriormente indicados declinavam que após a passagem de uma ponte estreita de madeira, ao lado direito, encontrar-se-ia a pousada de pescadores – a pousada da Cida. Enfim, passamos a ponte e quem se encontrava no volante era o hoje Irmão Geraldo Gregório Jerônimo. Obviamente, pela sua disposição no volante, passou direto da entrada. Porém, verificamos logo o erro, passados apenas uns duzentos metros. E assim, constatado, decidiu, o Geraldo, dar a meia volta. Entretanto, as estradas, ao menos naquela época, apesar de asfaltadas não tinham nenhum acostamento. Assim, a volta pretendida não foi possível fazer em um único movimento, implicando na necessidade de engatar a marcha ré, para completar o retorno.

E quem disse que o Geraldo achava a marcha ré? Não queria engatar de nenhuma forma. E, nesse instante vem na estrada um enorme caminhão, carregado de madeira. O Irmão Tadeu, preocupado, desceu imediatamente da camionete, acenando para que o veículo parasse. Efetivamente parou. Agora imaginem,

no meio da mata daquele Estado, uma camionete parada atravessada no meio da estrada, e ainda com alguém pedindo para que o caminhão parasse. Até hoje não sabemos o que o coitado do motorista do caminhão pensou, uma vez que ele não abriu a porta de seu veículo. Depois de alguma insistência, finalmente o Geraldo conseguiu engatar a marcha ré e conseguimos fazer o retorno e entrar, adiante, na pousada da Cida.

Após meditar sobre o ocorrido, chegamos a conclusão óbvia que nos deve servir de lição: jamais poderíamos ter confiado o nosso destino a um profano.

Face ao episódio, a lição em tom de brincadeira resultou em bom fruto porque pouco tempo depois nosso companheiro de pescaria, Geraldo Gregório tornou-se um dos valorosos maçons da Loja União Brasileira.

Uma vida na Maçonaria

João Roberto Wiese

Fui convidado para iniciar em nossa Sublime Ordem pelo meu padrinho José Aildo Rosa, de quem sou amigo há mais de 50 anos. Somos conterrâneos da mesma cidade: Ituporanga.

Minha sindicância foi realizada pelo nosso Irmão Mestre Instalado Carlos Alfredo Schmidt, juntamente com sua esposa e duas filhas. Minha sindicância foi esclarecedora e tive a confirmação de que estaria pronto para iniciar nessa Instituição.

No dia 01 de Setembro de 2001 fui iniciado nos Augustos Mistérios. O Venerável Mestre da Loja União Brasileira era o meu sindicante, Irmão Carlos Alfredo Schmidt. Minha Iniciação foi marcante, loja cheia, os irmãos mostrando a forte egrégora que une nossa Loja. Nesta Loja pude me fortalecer como homem e como ser humano. Enalteci minhas virtudes e aprendi

a cavar masmorras aos meus vícios. Procurei desbastar minha pedra bruta. Vivenciei o sentido exato da palavra fraternidade.

No dia 29 de Outubro de 2002 fui elevado ao Grau de Companheiro Maçom, na venerabilidade do Irmão Clóvis Amaral Júnior, novamente um momento extremamente especial em minha vida.

No dia 29 de Abril de 2003 fui exaltado ao Grau de Mestre Maçom, ainda na venerabilidade do Irmão Clóvis Amaral Júnior.

A partir desse momento aprendi a crescer dentro desta Instituição. Freqüentei o Sublime Capítulo 11 de Novembro, depois transformado em Grande Oficina Integrada de Graus Superiores, na ânsia de aprofundar meus conhecimentos e fazer novos progressos na Maçonaria, onde cheguei ao Grau 18 Cavaleiro Rosa-Cruz. Depois iniciei no Grande Conselho desta ordem, indo do Grau 19 ao 30 e recebendo na sequência os Graus 31 e 32 de Guardião no Alto Colégio. Hoje sou Servidor da Ordem, da Pátria e da Humanidade, Grau 33.

Vivenciei dentro da Loja União Brasileira, momentos indescritíveis e especiais. Aprendi a conhecer os irmãos com nossos trabalhos “Quem sou Eu” onde apresentávamos quem somos no mundo fora dos templos bem como no mundo maçônico. Cresci em conhecimentos com as palestras proferidas por vários irmãos dotados de grande sabedoria.

Tive também momentos muito emocionantes, como quando da homenagem prestada à minha esposa Fátima pelo Irmão Carlos Schmidt, Venerável da Loja na época, em virtude dela sempre frequentar a Loja mesmo estando seis meses em uma cadeira de rodas, em consequência de um acidente automobilístico.

Outro momento também muito especial foi quando de uma homenagem que meu filho João Roberto Júnior prestou aos pais, em especial ao seu pai, convidado pela Presidente da Fraternidade Feminina, a cunhada Marli Bencz. Naquele dia tive que chorar, e muito.

Em novembro de 2005 vivi outra grande alegria, a de ser padrinho na Iniciação de meu filho Fábio Medeiros Wiese. Ele ingressou em nossa Sublime Ordem.

Porém o ápice de minha vida maçônica se deu quando assumi o Trono de Salomão e constatei a Loja repleta de irmãos, cunhadas, sobrinhos, sobrinhas e convidados. Tivemos dificuldade em alojar tantas pessoas. Foi uma emoção sem tamanho. Fui Instalado com muita honra pelo nosso Grão-Mestre à época, Eminentíssimo Irmão Ib Silva. Desfrutei também o prazer de ter em minha Comissão Instaladora a participação efetiva dos valorosos Irmãos e Mestres Instalados Israel de Jesus Lisboa e Carlos Alfredo Schmidt.

Todas essas conquistas que obtive no mundo maçônico devem-se única e exclusivamente ao apoio incessante que recebi dos membros dessa Augusta e Respeitável Loja Simbólica.

Outro grande orgulho que senti nesse Sagrado Templo Maçônico foi o fato de ter sido o Presidente da Comissão Instaladora de meu afilhado e cunhado de sangue, Sebastião Maurício dos Santos, o Venerável Mestre de nossa Loja e proponente da ideia de se escrever este livro em comemoração aos 30 anos da Loja União Brasileira e que concretiza-se agora no 33º aniversário.

Pude conduzi-lo ao Trono de Salomão com o mesmo orgulho que alguns anos atrás, esse cunhado conduziu sua irmã, minha esposa, a também um Altar Sagrado, para que nos uníssemos em matrimônio.

Espero ter podido retribuir essa grande emoção conduzindo-o ao Trono de Salomão.

Tenho grande orgulho em pertencer ao Quadro de Obreiros da Loja União Brasileira, pois essa Loja demonstra o grande potencial de seus obreiros, vivenciando fielmente os preceitos que norteiam nossa Instituição. Nossa Loja é forte, pois os membros que a compõem são fortes. Fortes nos ensinamentos que aprendemos e propagamos a todos os irmãos. Fortes nos laços que nos unem, pois vivenciamos intensamente a fraternidade.

“Óh quão bom e suave é que os irmãos vivam em União” este é verdadeiramente nosso Lema.

Esses 33 anos que estamos comemorando deverão ser um marco para a Maçonaria Catarinense, pois evoluímos com o passar dos anos e fortalecemos os laços que unem nossos obreiros. Nosso Quadro é repleto de grandes homens. Homens que lutam pelos ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Parabéns Loja União Brasileira por esses 33 anos de Maçonaria.

Obreiro em construção

Leonardo Brognolli

O derradeiro ano do milênio que se encerrou foi marcante a mim em um aspecto. Aos 16 anos, pela primeira vez, as portas do Templo se abriram diante de meus olhos. Um mundo novo e completamente desconhecido se descortinou. Trata-se de meu ingresso na Ação Paramaçônica juvenil do Grande Oriente do Brasil, como membro do Núcleo Alfa Cruzeiro do Sul, mantido pela Loja Simbólica União Brasileira II.

Algo que tinha conhecimento somente pelos livros escolares de História, e de uma forma quase secundária para não dizer despercebida, passou ao meu cotidiano no auge da juventude. Convidado por um grande amigo dos tempos de colégio, Leonardo Borchardt, resolvi aceitar o convite e participar das reuniões desse grupo aos sábados à tarde. Não sem antes passar por uma entrevista de outros membros do Núcleo apejetista e por uma cerimônia de ingresso muito marcante.

Sem qualquer parentesco com a milenar Ordem Maçônica, passei a integrar essa grande família, onde o tratamento aos novos colegas era por primos, tios, tias o que me despertou certa curiosidade. Por que essa distinção? Mais tarde vim a entender

que a resposta encontrava-se justamente em um dos pilares que sustenta a Maçonaria Universal, a Fraternidade. O Templo, denominado pelos afeitistas de Sala Arquétipa é um capítulo a parte, por todos os símbolos, dos quais muitos ainda não decifrei, por sua arquitetura peculiar e o respeito devoto de quem o frequenta, mostrava-me claramente que não se tratava de um lugar qualquer.

Confesso que demorei a compreender a importância desse grupo e a interferência que teria nas minhas escolhas dali pra diante. Mas o certo é que as pessoas que frequentavam eram agradáveis, interessantes, jovens de espírito sadio; bem como os chamados tios, por quem aprendi a admirá-los e utilizá-los como espelho de conduta. Aos poucos fui familiarizando-me, com essas reuniões de sábado, a buscá-las para meu engrandecimento. Aumentaram também as afinidades com os membros do grupo, e foi como encontrei meu espaço e algumas formas de contribuir.

O passar do tempo me proporcionou as amizades das quais tenho imenso orgulho de nutri-las até hoje. Vieram também as responsabilidades, inclusive com os cargos desenvolvidos com muito zelo, onde absorvi aprendizados específicos e enriquecedores ao meu caráter. Ocorreram os Encontros Nacionais que demonstraram a amplitude de nossa organização, com primos espalhados por todo o país, bem como pude perceber o quão grande é a família maçônica e o Grande Oriente do Brasil, imbuídos do mesmo espírito afeitista que nesse tempo eu já havia adquirido.

Os amigos, simplesmente posso tratá-los como “os verdadeiros”. a APJ me trouxe as referências com que pude partilhar as incertezas da transição da juventude para a vida adulta. o “G7”, como era lembrada determinada diretoria do Núcleo Alfa Cruzeiro do Sul, marcou uma era na APJ e ficou conhecido nacionalmente pelos afeitistas desse período. Laka, Borchardt, Alberto, Eduardo Lisboa, Collaço, Edson e eu imprimimos nosso

ritmo e perspectiva ao Núcleo, bem como debruçamo-nos em discussões importantes para as causas apejotistas em nível nacional. Desses, tenho amigos de conversa fiada, colegas de trabalho, confidentes e conselheiros.

Ficou para mim o modelo de excelência do trabalho em equipe. Um grupo altamente dedicado, que não media esforços para motivar todos à sua volta, Quantas foram as madrugadas de preparação, para os trabalhos em sessão? Quantos sábados chegávamos à FAR pela manhã, sendo que nosso compromisso oficial era somente às 18h? Quantas discussões infundáveis? Isso tudo refletia o empenho e o valor que cada um deu a esse marcante momento. Não sem contar com a experiência dos que antes passaram pelo Núcleo, e ainda mais com a colaboração daqueles que de certa forma se espelhavam em nosso trabalho.

Os cargos, desempenhei-os com afinco e aprendi o que me é característico nos dias atuais, sendo eles: Porta-bandeira, Mestre de Cerimônias (Arauto), Secretário (Escriba) e Presidente (Ductor). Cada um apresentou-me uma perspectiva de trabalho no Núcleo, onde recebi lições de liturgia cerimonial e a importância de executá-la com retidão e corretamente, o louvor aos símbolos da pátria com o devido respeito, a organização dos trabalhos e o exercício da liderança. Aspectos que se transferiram para o meu dia-dia e apontaram novos rumos para minhas escolhas, inclusive profissionais.

Os Encontros Nacionais, além de me permitirem conhecer um pouco mais sobre realidade dos jovens de todo o Brasil, com os quais, mantenho amizades até os dias de hoje, nos lançaram sobre a perspectiva da APJ como uma instituição nacional. Isso é, detinha como qualquer organização, necessidade de eleger suas prioridades e discutir suas formas de atuação. Assim, iniciou um trabalho de fomentar uma reestruturação da APJ desde 2002, o que culminou nos encontros de Brasília em 2010. Tenho orgulho de ter participado da germinação dessa semente e de

alguma forma ter conduzido a “planta da acácia”, um dos nossos símbolos, para a geração afeitista subseqüente. Prova disso é incursão de mais jovens cientes da necessidade de uma maior organicidade da APJ, dentro da instituição, onde lançamos os alicerces para que as próximas gerações possam aprimorar o lema “Res Non Verba”, expressão agraciada pelo diletíssimo Addison do Amaral, idealizador da obra afeitista no seio do Grande Oriente do Brasil. Maçom valoroso do qual tenho a honra de ter como mentor em assuntos pertinentes à APJ.

Certo é que a APJ de alguma forma determinou a minha orientação para o estudo das ciências sociais aplicadas, mais precisamente do plano jurídico, vindo a cursar Direito. Também definiu minha influência ao participar do movimento estudantil, no centro acadêmico, DCE, UCE e UNE.

Tão firme quanto foi a certeza de que sempre estive amparado pela Maçonaria por todos esses anos, seja pelos “tios”, que de forma brilhante nos acompanhavam aos sábados, como Preceptores, seja pela Loja União Brasileira que sempre esteve à ordem para as necessidades do Núcleo. O fato é que ao longo desse tempo, mesmo de forma inconsciente, incorporei os ensinamentos maçônicos basilares por meio da APJ, quais sejam: a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

É incrível como um ambiente tão familiar para mim, pode proporcionar-me experiências ainda não provadas, como foi o meu ritual de Iniciação. É algo de que procurei me apropriar e compreender no breve tempo integrando a coluna dos Aprendizes: a escuridão, os aromas, as sensações, as palavras e os momentos em silêncio até a chegada da Luz.

Quanto à minha Iniciação, tenho muito particularmente, de um lado como uma confirmação dos votos que fiz há cerca de 13 anos de uma forma juvenil pouco compreendendo seus significados, o que de outro modo, hoje me força a uma reflexão de tudo que já vivi, reciclando-me ao desprender-me de certos

valores viciados do mundo profano e abrindo espaço para o verdadeiro início da lapidação da pedra bruta.

Outro fato curioso é a sensação de uma espécie de “promoção”, onde o tratamento por sobrinho fora substituído, inclusive entre os que por muitos anos assim fui tratado, bem como os primos que antes de mim se fizeram tios, hoje somos todos Iir:..!

Assim, senti uma mistura de sensações nas primeiras experiências como Apr.: M., onde o novo a ser descoberto funde-se ao que há tempos me foi proporcionado pela APJ, fazendo essa caminhada muito mais interessante e enriquecedora. Certo é que as vésperas da Augusta Loja Simbólica União Brasileira II completar seus 33 anos de existência, sinto-me privilegiado ao compartilhar dos Iir.: a convivência entre colunas. E que a experiência junto à família maçônica anterior à iniciação me permite hoje ser um Obreiro em Construção!

Uma lembrança do fundo do peito

Marcelo Bohrer

Creio que era outubro, a data exata não lembro, mas o fato é claro como o dia de hoje em minha cabeça, quando em conversa descontraída e alegre com o hoje Irmão e padrinho Ivan, fui convidado para ser seu primeiro afilhado maçom. De pronto aceitei, pois eu sempre ouvia falar em Maçonaria e pelo pouco que sempre soube já tinha lúcido que eu gostaria de fazer parte desta Sublime Ordem, pois minha ideia inicial era de que se tratava de um grupo de homens que se reuniam para conversar sobre coisas boas e ajudar o próximo.

Desta pequena e singela ideia que tinha da Ordem, fui para minha primeira sindicância com o Irmão Fernando Pimentel e na ocasião disse eu: “Creio ser uma reunião de homens de

boa índole que discutem coisas boas em prol das outras pessoas”. Talvez a redação exata não seja esta, mas a mensagem assim o foi.

Como foi meu primeiro contato, de fato, com a Maçonaria, não tenham dúvida de que foi o mais marcante de todos e o que me deixou mais nervoso. Alguns meses passaram-se até que a notícia veio através de meu padrinho Ivan: foste admitido para entrar na Maçonaria. Minha felicidade foi exuberante e radiante, afinal de contas era mais um objetivo que eu estava alcançando.

Pois a Iniciação veio, cheguei às 16h no templo e, como todos, fui de um lado para outro, subi, desci, agachei, etc ... Até que me convidaram para sentar e lá fiquei ... fiquei ... fiquei ... E, de veras, fiquei sentado, pensando e refletindo sobre a vida, as coisas que estava enfrentando e tentando imaginar o que estava por vir. Certamente nada do que imaginei que iria acontecer foi parecido com o ocorrido, pois, desde que senti que começaria a sessão de Iniciação, um forte e inexplicável bem estar envolveu meu espírito e me acompanha até hoje e se engrandece a cada terça-feira que convivo com os irmãos, confirmando o versículo, “Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união”!

Passada a iniciação vieram as instruções na pedra bruta e a meta a ser sempre perseguida pelo maçom, alcançar a pedra polida. Este irmão que escreve emocionado e não se cansa de agradecer ao Supremo pelos irmãos que ganhou, pela força que reúne a cada sessão, pelos amigos que fez, pelas maravilhosas pessoas que vem conhecendo, segue em busca dessa meta. Sem sombra de dúvida o caminho ainda é longo, árduo e gratificante. Entretanto, mais gratificante é reconhecer e perceber a evolução moral, ética, cívica e espiritual que conquistei e que não tenho dúvida que a cada dia mais irei melhorar e buscar.

Pois bem, talvez o texto não seja grande, mas certamente é verdadeiro, emocionado e partiu do fundo do peito deste

pequeno irmão, que ama cada vez mais a sua família, profana e maçônica.

Que o S.:A.:D.:U.: siga nos Iluminando e dando forças para que façamos sempre bem a sociedade, ao país em que vivemos e, principalmente, para aqueles que convivem entre nós.

Um novo rumo, a procura e o resgate

Guilherme Lisboa

Um novo rumo

Em 2004, enquanto estava na direção dos trabalhos, decidi em conjunto com a diretoria daquela época de darmos novos rumos à Loja União Brasileira. Foi um ano de grandes mudanças, nos demos férias de dezembro a fevereiro com uma confraternização em janeiro, todos os membros passaram a pagar sua quota para a Loja sem distinção nem favores, a Fraternidade Feminina compareceu à Loja somente nas Sessões Magnas, os valores das mensalidades foram adequados, obras prediais se concretizaram, nossa Fundação foi transformada em Condomínio intitulado Fraternidade da Arte Real, os jantares após as sessões foram restituídos e reformulados ao modelo que perdura até hoje, o antigo coral do BESC cantou para comemorar nosso aniversário e – estava claro que – era necessário fazer algo especial para coroar as várias mudanças de paradigma assumidas pela Loja naquele semestre, de modo que nossa última sessão do ano foi um banquete ritualístico. Aliás, foi um banquete inesquecível: vinho de primeira qualidade; carne farta, deliciosa e macia; auxílio dos irmãos para montar e desmontar tudo e, claro, o trabalho impecável de um dos melhores mestres de banquetes que já conheci, o Irmão Alcides Neves Junior. Está aí uma receita de sucesso repetida até hoje.

Procura-se um Venerável Mestre

As vésperas do prazo final para entrega da chapa para o mandato 2005-2006, estava na direção dos trabalhos quando fui surpreendido pelas palavras do Irmão Comarella, que após ouvir sua família tomou a decisão de declinar do cargo de Venerável Mestre para o qual certamente seria eleito por unanimidade. Ainda estávamos surpresos quando o Irmão Israel Lisboa sabiamente propôs que o Irmão Daniel Barreto assumisse a função, pois já era irmão antigo e em plenas condições de assumir a direção dos trabalhos. O Irmão Daniel por sua vez, muito lisonjeado com a lembrança de seu nome, agradeceu mas afirmou que só aceitaria o encargo se o Irmão Comarella continuasse como 1º Vigilante. Pedi, então, que o Irmão Comarella respondesse, e todos nos alegramos ao ouvir o sim. Naquela oportunidade estava ao meu lado direito o Irmão Walmor Backes, então Grão-Mestre do GOESC, que se pronunciou atestando a capacidade de gestão do Irmão Daniel Barreto, sua maestria na condução da Poderosa Assembleia Legislativa Maçônica do Estado de Santa Catarina, e do quanto nossa Loja ganharia tendo-o como nosso líder. Sábias palavras, pois eu tive o prazer de entregar o malhete ao grande impulsionador do crescimento da Loja União Brasileira, o Irmão Daniel Barreto.

Um resgate bem sucedido

Certo dia recebi uma ligação de um irmão informando que o Venerável Mestre, que já havia faltado algumas sessões não iria mais à Loja ... Ato contínuo, liguei para o Irmão Comarella com o fim de saber qual era o real problema. Era um quadro depressivo e propus fazer-lhe uma visita pessoal em sua casa à tarde. Liguei para toda a diretoria da Loja, expliquei o problema e formulei o convite para aquela importante reunião. Todos compareceram e somente lá souberam que não eram aguardados pelo Irmão Comarella, e este tampouco sabia que alguém além de mim lá estaria. Toquei a campainha e fomos todos recebidos

com surpresa e alegria pela família do Irmão Comarella. As cartas foram colocadas na mesa, a diretoria declarou-se unida e firme no propósito de ajudar, e no final de tudo o Irmão Comarella e sua diretoria concluíram seu mandato com louvor.

O verdadeiro princípio da Maçonaria

Luiz Claudio Comarella

Entrei na Sublime Ordem Maçônica, convidado por meu amigo e colega de profissão Ary Rosa Jr. A sindicância foi realizada pelos Irmãos Mestres Maçons Carlos Laitano e Osni Carmona. Foi esclarecedora e tive a confirmação de que estaria pronto para principiar nessa Instituição.

No dia 30 de setembro de 2000 fui iniciado. O Venerável Mestre da Loja União Brasileira era o Irmão Luiz Augusto Martins. Minha Iniciação foi marcante, Loja cheia. Nessa Loja pude me fortalecer como homem e como ser humano. Aprendi a enaltecer minhas virtudes, a vencer minhas paixões, submeter minhas vontades e a cavar masmorras aos meus vícios. Procurei desbastar minha pedra bruta. Vivenciei o sentido exato da palavra fraternidade.

No dia 02 de outubro de 2001 fui elevado ao Grau de Companheiro Maçom, na venerabilidade do Irmão Carlos Alfredo Schmidt, novamente momento extremamente especial em minha vida. No dia 09 de Abril de 2002 fui exaltado ao Grau de Mestre Maçom, na venerabilidade do Irmão Clóvis Amaral Júnior. No dia 03 de Junho de 2006 fui instalado na venerabilidade da Loja. Os Irmãos Instaladores foram os Mestres Instalados Guilherme Lisboa, Carlos Alfredo Schmidt e Ruben Luz da Costa.

Na minha venerabilidade houve muitos acontecimentos marcantes. Vou relatar um que muito me emocionou. Trata-se do ocorrido com nosso saudoso Irmão Valdomiro Montagnini.

Logo após assumir a venerabilidade da Loja, o 1º Vigilante, na época Antonio Bencz, procurou-me e relatou que o Irmão Valdomiro Montagnini passava por problemas graves de saúde e também financeiros. Assim, não podia apresentar seu trabalho e, em consequência, não fora sabatinado para ser exaltado para Mestre. Estava afastado do convívio da Loja, não tinha presença, mas sonhava em ser Mestre Maçom.

Diante dos fatos, reunimos a diretoria e decidimos fazer com urgência a Exaltação do Irmão Montagnini, sem despesas para ele. No dia da Exaltação o mano Montagnini estava bem debilitado. Tivemos que fazer uma sessão bem simplificada, mas que chegou ao final com muita emoção.

Tive o privilégio e a honra, algum tempo depois, de colocar a Medalha de Mestre na lapela no Irmão Montagnini. Ele estava bem fraquinho, quase não dava para abraçá-lo devido à fragilidade, acredito mesmo que o câncer já tinha tomado conta dos ossos. Na sessão seguinte o Irmão Carlos Schmidt recebeu um telefonema no qual a família informava que nosso Ir.º Valdomiro Montagnini havia falecido.

Ficamos muito tristes, mas ao mesmo tempo certos de termos cumprido com o verdadeiro principio da Maçonaria, que é ajudar nossos irmãos mesmo que para isso tenhamos tangenciado algumas regras do Ritual.

Quero fazer meu agradecimento a todos os membros da Loja União Brasileira, em especial à minha diretoria. Sem o apoio de todos não teria conseguido uma venerabilidade tranquila e com a certeza de ter cumprido com todos os meus objetivos. Obrigado ao S.:A.:D.:U.:, por ter dirigido meus passos e minhas decisões, em todos os momentos. Ei os componentes da diretoria 2006 - 2007: Venerável Mestre – Luiz Cláudio Comarella, 1º Vigilante – Antonio Bencz, 2º Vigilante – Itamar Luiz de Oliveira, Orador – Guilherme Rodrigues de Lisboa, Secretário – João

Roberto Wiese, Tesoureiro – Oldemar Jose Filipini, Chanceler – Fernando Zornitta Pimentel, Mestre de Cerimônia – Jair Zanette, Cobridor – José Aildo Rosa, Hospitaleiro – Mario Matias, 1º Diácono – Djalma M. Jardim Neto, 2º Diácono – Rudney Medeiros da Silva, Mestre de Harmonia – Sebastião M. da Silva, Mestre de Banquete – Maikel de Jesus Silva, Porta Bandeira – Jorge Ricardo da Silva, Arquiteto – Paulo Sanches Ricardi, 1º Esperto – Carlos Alfredo Schmidt, 2º Esperto – Luiz Augusto Martins, Deputado Estadual – Rodrigo T. Martins, Deputado Federal – Israel de Jesus Lisboa.

“Deus nos concede, a cada dia, uma página de vida nova no livro do tempo. Aquilo que colocarmos nela, corre por nossa conta” (Autor desconhecido).

Um lugar de transformação

Márcio Maienberger Coelho

A relação do homem com a vida é bastante curiosa. A maioria trabalha, tem seus momentos de lazer, pensamentos, intimidades etc. Tudo, na maioria das vezes, de maneira bastante fragmentada, isolando todos esses momentos.

Um modo de vida que possa reunir tudo isto, simultaneamente, no mesmo espaço, concatenando todas estas circunstâncias, será possível?

E agregar ainda mais, proporcionando uma disciplina, estilo de viver, filosofia de vida, doação, realização, prosperidade, humildade, educação e evolução?

Sim, é possível!

Existe um lugar que pode transformar você e propiciar tudo num só tempo. Chama-se Maçonaria.

Olhar de um Aprendiz

Marcos Fantazzini Lima

Há muito tempo fui convidado por um amigo a ingressar na Maçonaria, mas naquela época minha vida era muito agitada, viajava muito e entendi que não conseguiria participar de forma integral e optei em não ingressar. Ao receber novamente o convite, percebi que era hora de participar de forma integral. Inicialmente como Aprendiz, depois como Companheiro e agora, como M.: M.:, tenho observado, escutado, estudado e principalmente percebido as diferenças entre os iguais.

Minha iniciação foi realizada no dia 1º de junho de 2010 e a partir deste dia passei a observar, lá da última fila da coluna do Sul, um novo mundo. Um mundo repleto de seres iguais aos existentes no mundo profano, mas estes seres são mais iguais.

A fraternidade entre os IIR ... me encantou imediatamente. Tenho alguns amigos e nos tratamos de forma bastante fraterna. Mas esses amigos eu conto nos dedos de uma mão. Na Loja a fraternidade é geral, sem preconceito, sem reprimendas, sem censura, sem julgamentos.

Comecei a perceber esta fraternidade no dia de minha Iniciação. Durante todo o ritual, sempre havia uma voz que sussurrava ao meu ouvido palavras de cuidado e preocupação com meu bem estar. Sessão após sessão fui apurando minha observação: a chegada dos IIR ... à Loja e a forma como se cumprimentam, as conversas durante o ágape, o fórum na internet e outros encontros informais dos quais pude participar.

Compartilhar do preparo do ágape, dos eventos e da preparação da Loja, propiciou-me uma visão que me fez perceber que a organização e o ritual em Loja se transformavam em um anarquismo (regime de governo sem governantes) durante o jantar.

Começo a entender e a incorporar os segredos da Maçonaria.

Maçonaria – o que penso, o que vivo

Mauro Luiz de Oliveira

O que penso

A Maçonaria não é uma sociedade secreta, ela não esconde sua existência, tanto que suas constituições e estatutos são registrados em cartório de títulos e documentos, bem como publicados em diário oficial, quer dizer, podem ser de conhecimento público. É secreta no que diz respeito à forma de seus membros reconhecerem-se entre si, e na sua metodologia de ensino, que lhe é peculiar. Os princípios maçônicos têm resistido através das eras e são válidos ainda hoje, como o era séculos atrás. Não é, portanto, uma sociedade secreta, mas uma sociedade com segredos, onde seus membros através de rituais e de muito estudo conseguem ir entendendo e descobrindo o sentido dos símbolos, palavras e gestos.

Tudo passa a ser uma representação, que aparenta um sentimento secreto, e essa descoberta da evolução através do aperfeiçoamento e no galgar dos graus é que motiva ainda mais a continuar, tornando mais rico o aprendizado pessoal e espiritual. Por isso ela é simbólica, mas não esconde sua existência aos olhos do público. Os edifícios, chamados templos onde as Lojas funcionam são visíveis à sociedade em geral. Além de existir farto material escrito, muitos livros editados em livrarias e bibliotecas podem ser consultados por quem pelo assunto tiver interesse.

É importante registrar que o ingresso do profano na ordem requer algumas exigências. Não é simplesmente fazer solicitação de inscrição. O candidato necessita que seu nome seja apresentado à Loja por um irmão que tenha galgado no mínimo o grau de Mestre Maçom. Passará, o indicado, por uma sindicância em que pelo menos outros três Mestres manterão contatos e visitarão o candidato, um de cada vez para fazer entrevistas buscando

melhor conhecer o seu perfil, saber sobre sua família, trabalho, como vive em sociedade, do interesse pela Ordem, que estudos realizou, bem como de sua condição para assiduidade, comprometimento e cumprimento das obrigações. As informações levantadas serão ainda debatidas em Loja na qual frequenta o padrinho do candidato à iniciação na ordem.

O registro acima é proposital para expressar à responsabilidade civil e moral que os adeptos da Maçonaria devem possuir; daí a relevância e o bom-senso que se requer para indicação de um interessado e também de quem realiza a sindicância.

Sendo a Maçonaria uma instituição milenar, cujos princípios e propósitos ainda hoje permanecem, mostra sua tradição universal, a história de conquistas de liberdade, soberania, do compromisso com a ética e a moralidade. Temos, portanto, a obrigação de continuar fazendo valer os princípios e propósitos da Ordem, precisamos demonstrar nosso sentimento cívico.

É verdade que a Maçonaria já há algum tempo vem procurando fazer a sua parte em aspectos de grande relevância como o movimento contra desmatamento da Amazônia, e com mais destaque no campo político, não partidário, mas, sobretudo em temas suprapartidários como o combate à corrupção, e o “Ficha Limpa”, porque infelizmente tivemos que admitir até a existência dessas malignidades em elementos filiados à Ordem que poderiam estar contaminando a Instituição.

Temos periodicamente em nosso país uma oportunidade de melhor escolha para nossos governantes, na época das eleições. Penso que a Maçonaria poderia estar mais presente nesse embate, fazendo valer a defesa da sociedade e do Estado, combater com coragem e entusiasmo todas as forças e os poderes que ameaçam destruir a liberdade, incluindo o despotismo e a tirania política. Temos voz para afirmar a dignidade humana, a justiça e a responsabilidade civil e moral que estão escassos há algum tempo.

O que vivo

A Augusta e Respeitável Loja Simbólica União Brasileira II nº 2085, oficina da qual tenho o maior orgulho de fazer parte de seu Quadro de Obreiros, completa no mês de novembro de 2013 seus 33 anos de fundação. A Loja União Brasileira II nº 2085, é Federada ao GOB e Jurisdicionada ao GOB/SC, atuando no Rito Brasileiro de Maçons Antigos Livres e Aceitos com funcionamento no Oriente de Florianópolis Santa Catarina.

Apesar de me considerar ainda novo na sublime Ordem, pois que fui Iniciado há pouco mais de seis anos, certamente posso afirmar que hoje sou um cidadão com outra concepção do mundo. O enriquecimento moral, intelectual e espiritual pelos modos de interpretar os símbolos me faz entender que verdadeiramente a Maçonaria se propõe a ajudar para que os princípios de liberdade, igualdade e fraternidade possam ser alcançados.

Sinto que estou harmonicamente mais bem temperado, com espírito de tolerância, com melhor conhecimento de mim mesmo. Sou, sem dúvida, melhor pessoa que quando iniciei na Ordem. Entre tantos outros, a Oficina me fez entender a forma simbólica do polimento da pedra bruta, porque somos nós que estamos sendo lapidados.

Procuramos desenvolver valores, de modo a que nossos atos pessoais sejam lógicos e úteis, não somente para nós, mas também para nossa família, a comunidade em que vivemos e a pátria que defendemos.

Tenho hoje a sensação de duas consciências: o conhecimento profano e o sagrado. A Ordem, esta é para ser vivida, e não para ser dita, e aí que está o segredo. Isto nos leva a melhor estruturar nossa personalidade, em manter uma diferença de uma vida mais interiorizada, não tanto pelas palavras e mais pelos gestos entre os irmãos iniciados. Coloco pensamentos maçônicos no mundo profano, pois entendo que como a Ordem está nos quatro cantos do mundo, o aprendizado é um caminho do conheci-

mento de si mesmo e do mundo, caminho da virtude e não vício. Adquiri, sim, nova dimensão de viver.

Quero por fim, registrar meu mais profundo agradecimento a querida Loja União Brasileira nº 2085, pela acolhida que tem me dado, felicitar a todos os Mestres Instalados que foram Veneráveis desta Loja pelo zelo que tiveram em mantê-la forte e firme, bem como sua atual diretoria, que certamente dará continuidade à obra maçônica para o engrandecimento de nossa Oficina.

Aos Irmãos que ganhei, obrigado meu S.:A.:D.:U.:!

Serenidade e inteligência

Mauro dos Santos

Uma coisa aprendi na vida: serenidade. E é mais importante que inteligência. A primeira leva à sabedoria, em qualquer situação, manter a razão. A segunda, perde para o emocional se não dominada pela outra, contexto em que de nada serve.

Por que me orgulho de ser maçom?

Moacir Antonio Marafon

Embora eu tenha sido iniciado há mais de sete anos e tenha dedicado-me aos estudos maçônicos na proporção possível, não me considero um *expert* em Maçonaria. Portanto, não quero aqui convencer ninguém a ser ou não ser maçom e também longe de pretender esgotar o assunto. Apenas quero expressar o que me faz permanecer e evoluir na Maçonaria.

Antes de ser convidado para entrar na Ordem, ouvi muitos

comentários fantasmagóricos e preconceituosos sobre o que é a Maçonaria, a natureza de seus ensinamentos e de suas implicações, os conflitos com a fé e religiosidade e até mesmo com a família.

Cito agora uma das várias “estórias” já ouvidas:

- ☞ Na Maçonaria eles usam avental e um deles possui uma caveira desenhada. Esse avental é utilizado em noites de sacrifícios de animais; ele volta sujo de sangue;
- ☞ Usam sempre roupas pretas, mas quando a família é convidada para um evento, fazem uma sessão onde todos vestem “branco”;
- ☞ Quem entra na Maçonaria nunca mais pode sair dela e se insistir, é morto;
- ☞ A Maçonaria é uma seita em que eles se ajudam mutuamente, mas só entre maçons. Se alguém tenta prejudicar um maçon, será perseguido até “desaparecer”;
- ☞ A Maçonaria não é de Deus, mas do “inimigo”.

Obviamente que tudo isso era dito por pessoas que nunca haviam pertencido à Organização Maçônica, mas tinham sua posição firmada com base nas “estórias” contadas de gerações em gerações.

Quando fui convidado a participar da Maçonaria, mesmo não acreditando em tais lendas, busquei certificar-me a respeito e cada vez mais percebi que de fato eram apenas lendas. No entanto, a maior segurança foi transmitida a mim pela pessoa que me fez o convite, o meu padrinho, por ser uma pessoa do bem e moral ilibada.

Após estes anos de vida maçônica, confesso que cada vez mais amo a Ordem, mas sem paixão cega, procurando conhecer as virtudes e fraquezas dessa organização. Desta forma, gostaria de contribuir com a minha visão das verdades deste assunto, especialmente para os não maçons que lerem este livro.

Considero que a principal causa de todo o mito e fantasias que envolvem a Maçonaria é o fato de ser ela uma instituição essencialmente iniciática, em que a realidade dos fatos passa a ser conhecida apenas pelos iniciados e de forma gradativa o novo irmão tem acesso aos verdadeiros conceitos, práticas, simbologia, história e sua filosofia. E sabe-se que tudo o que é desconhecido provoca curiosidades e fantasias.

No entanto, os segredos entre os maçons, embora possamos assegurar que nada existe nos dias atuais de extraordinário em tais segredos, fazem parte dos princípios da Ordem Maçônica e isso acaba convertendo-se numa qualidade dos irmãos, pois é uma forma de praticar uma valorosa virtude, que é a capacidade de guardar segredos. Dessa forma, pretende-se que todos os maçons sejam fiéis depositários das tradições herdadas dos antepassados e mantenham-se incorruptíveis nos seus princípios e ações.

O que eu posso dizer a todos e especialmente aos meus filhos, caso leiam este texto, é que desde a minha Iniciação fui sendo surpreendido positivamente com os acontecimentos. Tenho maravilhosas lembranças da minha Iniciação, pois me fez refletir sobre a minha vida, sobre a minha família e mesmo sobre o que afinal eu quero deixar de legado para a sociedade.

Quanto a qualquer conflito com crenças religiosas, é importante destacar que esta é uma inverdade. A prova disso é que nenhuma reunião pode ser iniciada sem antes acontecer a abertura ritualística do Livro da Lei (Bíblia, Alcorão, ou outro livro sagrado, dependendo da crença majoritária dos maçons reunidos), cuja presença em Loja simboliza o Supremo Arquiteto do Universo, isto é, a presença de Deus na Loja Maçônica, e a Ele é rogada proteção para que todos os atos praticados ocorram sob sua Luz Divina.

Além disso, a “Maçonaria é uma instituição filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento

moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Sustenta que os maçons têm os seguintes deveres essenciais: amor à família, fidelidade e devotamento à Pátria e obediência à lei” conforme nossa Constituição.

Portanto, em nossa modesta avaliação, isso tudo é possível apenas se cada maçom lutar para se tornar uma pessoa cada vez melhor. É comum dizer-se que a Maçonaria busca na sociedade homens livres e de bons costumes e os deixa ainda melhores. Cada homem pode ter realizado tudo o que desejava em sua vida, profissional e pessoal, no entanto, como ser humano, isso não é o suficiente. Todos nós certamente estamos longe de ser perfeitos; na verdade, bem longe disso. No entanto, sempre é possível a cada dia tornar-se uma pessoa melhor e mais feliz do que havia sido antes.

É certamente aqui que a Maçonaria pode fazer de melhor para a sociedade: proporcionar a cada maçom que ataque cada uma de suas deficiências e que desenvolva as suas virtudes, tais como a solidariedade, a temperança e a tolerância, as quais tenho tentado praticá-las sempre que possível. Já me deparei com situações até de confronto com outras pessoas, muitas vezes por banalidades e que se tal situação tivesse ocorrida há alguns anos, tenho a convicção que eu não teria autocontrole para administrar o momento vivido de forma pacífica. Mesmo que muitas vezes o hábito seja mais forte do que a vontade, no entanto, quando a razão me faz lembrar que sou maçom e como tal tenho o dever de praticar essas virtudes, sou mais forte e sou melhor do que era antes. E é nesse momento que eu sinto o que efetivamente é ser maçom.

Portanto, ser maçom é buscar de forma incansável a perfeição, é desbastar a pedra bruta que está dentro de nós para transformá-la em pedra polida.

Como disse Benjamim Franklin: “Esteja em guerra com suas deficiências morais, em paz com seus semelhantes, e que cada ano o encontre uma pessoa melhor”.

E é por isso tudo que tenho orgulho de ser maçom!

O segundo nascimento

Oswaldo Cedório dos Santos Júnior

Nasci duas vezes. Sim, nasci duas vezes. Como? Vou explicar, meus irmãos.

Minha lembrança do primeiro nascimento não é conhecida, posto encontrar-se em meu subconsciente, nada veio à tona. Deve estar guardado no coração; no coração de filho, já que todo bebê nascido em uma família de amor é bem vindo e esperado, servindo esse laço sentimental como via do conhecimento das crianças.

Mas meu assunto não é esse nascimento, que todos nós seres humanos passamos. Meu assunto é o segundo nascimento; muitos querem, poucos o tem. Ele está diretamente relacionado com a Maçonaria. Meu conhecimento sobre a Maçonaria antes da iniciação era nulo. Nada se tinha em mente sobre o ritual, alegorias, simbolismos, quer por informações de amigos maçons, quer por especulação pelos vários caminhos hoje disponíveis na comunicação em geral, em especial na internet.

Não se diga que esse desconhecimento significava um desgosto pela Ordem, pelo contrário, tratava-se de um profundo respeito pela discricção apresentada por essa sociedade secreta e vontade de um dia participar como membro e, a partir disto, ter o conhecimento necessário e paulatino. A vontade perdurou por muitos anos, até que um dia fui questionado sobre meu conceito sobre a Maçonaria por um grande amigo. Disse-lhe o quase nada

que sabia sobre a Ordem e do grande gosto de um dia participar desta fraternidade.

Não foi outra a surpresa, quando aquele meu amigo fez os contatos necessários para meu ingresso. Fui aprovado. Fiquei eufórico e ansioso para o grande dia. O dia do meu ingresso da Maçonaria.

Hora marcada, hora chegada. Bati na porta do prédio. Entreaberta a porta, nada vi no interior além de um homem encapuzado. Entrei e, a partir deste momento, sempre fui guiado por um amigo desconhecido. Amigo porque com ele senti segurança nos caminhos seguidos, mesmo sem nunca tê-lo visto, (só após as apresentações ao final), já que estava de olhos vendados. Percorri vários caminhos ao lado dele, descansei e meditei em uma sala inóspita, pouco iluminada; apenas uma vela guiava minha visão. Lá analisei toda minha vida passada e imaginei toda minha vida futura, principalmente pelo momento que se criava: minha iniciação.

Saí daquela sala e, guiado novamente por um amigo, fiz algumas viagens, sempre com meus olhos vendados; nada via; tudo sentia! A emoção aumentava. Perguntavam-me o que sentia, o que ouvia, o que entendia, o que queria. A dúvida não estava em mim. Sabia o que queria e nada me faria voltar. Meu caminho era único, para frente!

Após todo aquele simbolismo, retiraram-me a venda e um clarão se formou naquele templo esplendoroso. Meu segundo nascimento, meu vínculo eterno com a Maçonaria. Desejo tão cobijado, desejo realizado. Tornei-me maçom. Aquele amigo a quem confiei minha vida pelos caminhos seguidos, que até então era desconhecido, foi-me apresentado, não como um amigo, mas como um irmão.

A partir dele outros se afirmavam meus irmãos. Eu, filho único, deixei de sê-lo. Eu me vi rodeado de irmãos. Amorosos, carinhosos e de braços abertos me recebendo naquela família.

Sim, família: a família maçônica, onde todos se ajudam como um irmão deve assistir a outro irmão.

Entretanto, meu segundo nascimento além de me trazer a alegria de tornar-me maçom, trouxe-me, ainda, a felicidade de pertencer à Augusta e Respeitável Loja Simbólica União Brasileira. A Loja União Brasileira é uma Loja ímpar. Não poderia ter maior felicidade em pertencer ao seu Quadro de Irmãos. Loja pioneira no Rito Brasileiro no Sul do Brasil. Loja mãe. Loja exemplo de fraternidade e companheirismo.

Milhares de outras excelentes Lojas existem, mas no meu caminho não poderia postar-se outra senão a União Brasileira.

Hoje sou mais feliz, por ser maçom. Hoje sou mais feliz por ter irmãos. Hoje sou mais feliz por pertencer a Augusta e Respeitável Loja Simbólica União Brasileira. Nasci novamente!!!

Um convite para evolução

Roger Andrade dos Santos

Os novos aprendizes na sessão de Iniciação do dia 14 de setembro de 2010, foram desafiados a escrever um pequeno texto de dois parágrafos para inclusão nos anais da Loja União Brasileira, em face da comemoração de 30 anos de sua louvável existência.

Após lançado o desafio prontamente me questionei: “O que um recém iniciado poderia escrever a respeito?”

Em breve reflexão, pensei que poderia escrever sobre minha Iniciação, gostaria de fazê-lo em forma de crônica para mostrar minha percepção do momento, porém, pela falta de prática, prefiro deixar para outra oportunidade.

Optei então por relatar as minhas perspectivas sobre esta nobre confraria.

Conto, no momento da redação deste texto, tão somente

com dez dias desde meu novo nascimento, quando me foi oportunizada a Luz, sendo apenas um recém-nascido que tem uma vida maçônica inteira pela frente para crescer, amadurecer, servir e evoluir.

Confesso que nunca tive o sonho, desejo ou intenção de entrar para esta grande irmandade, por não ter conhecimento do que realmente se tratava (isso já aprendi que vamos evoluindo aos poucos e com o tempo) e por não ter tido influência maçônica desde minha infância. Soube que meu pai uma vez recebeu o convite para ingressar, mas não sei o motivo pelo qual não aceitou. Há poucos anos um dos meus irmãos de sangue foi iniciado, mas por residir em outra cidade nunca conversamos a fundo sobre isso.

Certo dia, após alguns anos de convivência, meu padrinho, Ir.: Leonardo Borchardt, me chamou e fez o convite para ingressar nesta seleta confraria dizendo que eu tinha o perfil de maçom e que ele ficaria muito honrado caso aceitasse seu convite. A partir daquele momento comecei a pensar sobre o assunto e conversei com meu irmão de sangue, que como bom maçom cumpriu com seu juramento de não me dizer nada que não fosse permitido. Após dois meses aceitei o convite e o desafio de me aperfeiçoar e evoluir, haja vista que sempre fui voltado a ajudar o próximo, principalmente aos mais necessitados, além de trabalhar pelo bem social da coletividade.

Tive a felicidade de ingressar nesta Loja contando com alguns amigos de profissão, além de ter reencontrado o Ir.: Fernando, amigo de infância, dos bons tempos de basquete do Clube 12 de Agosto.

Espero realmente que esta convivência, ajuda mútua, troca de informações e conhecimentos sejam duradouras e fortalecidas diuturnamente. Fico desde já à disposição de todos, sabendo que não medirei esforços para fazer sempre o que estiver ao meu alcance.

É um grande prazer, mesmo sem ainda conhecer pessoalmente a todos os nobres integrantes, poder chamá-los de meus irmãos. Obrigado pela receptividade com que me acolheram.

Incidente na Iniciação

Ronaldo Fagundes Monteiro

Fui iniciado dia 27 de novembro de 1989, no Templo da Loja Regeneração Catarinense, situado na Rua Vidal Ramos, no Centro de Florianópolis. Um pequeno incidente ocorreu em minha Iniciação. Quando estava passando por algumas provas, o Ir.^o Terrível (Ir.Nério) me empurrou para que o Ir.^o que estava ajudando nas provas me amparasse. Acontece que aquele irmão (Ir. Ailto), estava distraído e deixou que eu caísse no chão. Em um primeiro momento pensei que estavam me jogando em alguma piscina, coloquei os braços para frente e deixei acontecer, isso em frações de segundos. Após a minha queda, percebi que havia caído em um chão duro de madeira. Machuquei-me um pouco, inclusive cortei os cotovelos e até sangrei. Em seguida dois irmãos me levantaram, eu ainda de olhos vendados, me perguntaram se estava tudo bem comigo, eu prontamente respondi, “sim está tudo bem”, e em voz alta perguntei: “quem foi o FDP que me empurrou?” Depois fiquei sabendo que a Loja estava repleta de irmãos...

Fui Venerável Mestre de junho de 1998 à setembro de 1999, quando fui trabalhar em Criciúma e passei o cargo para o primeiro vigilante, meu afilhado, Ir.: Renato Scheidt.

Após alguns meses, fui convidado a fundar uma Loja em Içara, região de Criciúma, por um professor da Unisul, que na época era profano, o Ir.: Sandro Giassi Serafin. Após várias reuniões e com o apoio do GOB e das Lojas do Rito Brasileiro, fundamos a primeira Loja do Sul do Brasil e do Sul do Estado de Santa Catari-

na, a Loja União do Sul. Por três anos fui Venerável daquela Loja, até que a mesma tivesse em seu Quadro irmãos Mestres Maçons, pelo mínimo de sete. Meu 1º Vigilante era o Ir. Hudson Ferreira Pinto, um grande Ir.: que hoje encontra-se no Oriente Eterno.

Um fato que marcou a Loja União do Sul: o Ir.: Hudson tinha um problema cardíaco, que havia surgido de repente. Ele tinha na época 39 anos. Um dia, em novembro de 2002, eu já estava em Florianópolis, e nós como de costume seguíamos todas as sextas-feiras em um micro-ônibus para a Loja União do Sul, pois não podíamos deixar a Loja sem os Mestres para abrir os trabalhos. Ocorre que naquele dia eu fiquei sem voz e, como eu iria conduzir os trabalhos, imediatamente passei para o 1º Vigilante, o Ir.: Hudson. Na oportunidade, ele alegou que não estava preparado para tal. Mas eu insisti e ele foi o Venerável naquela seção. Ficou muito feliz por eu ter confiado a ele essa missão. Esse valoroso irmão e amigo que sempre me acompanhou nos trabalhos veio a falecer 30 dias depois.

E o mais interessante é que após a sessão, a minha voz retornou ao normal, como se nada tivesse acontecido. Eu concluí e tenho certeza absoluta de que o que houve naquele dia foi obra do S.:A.:D.:U.:, permitindo que aquele Ir.: tivesse a honra de sentar-se na Cadeira de Salomão.

E a alegria dele foi tão grande que contagiou a todos os irmãos, deixando todos muito emocionados. Sentimos muito sua partida.

Uma Fraternidade Real

Rui Gabriel Kazapi

Pois meus irmãos, diz-se por aí no mundo profano, que família não se escolhe, herda-se; boa ou má, com direito a variações des-

de maravilhosa até péssima. Tenho cá minhas dúvidas quanto a isto, porém admito existir muita coisa entre o céu e a terra que nossa vã filosofia desconhece. Por outro lado, dizemos entre nós, que a família maçônica desfruta verdadeiro conagração fraterno entre todos os irmãos e padrinhos e vice-versa, posto que seus membros normalmente escolhem-se dentro e através de um determinado perfil.

Com menos de um ano de convivência nessa Augusta Loja União Brasileira nº 2085, devo dizer com imensa satisfação, que já presenciei, senti, pressenti e garimpei inúmeras joias preciosas. Joias estas emanadas da tradução de condutas, posturas, procedimentos e exemplos de grande amor fraterno de alguns de seus frequentadores. Posso afirmar que não é uma questão de tempo, pois sou um garimpeiro aprendiz dando os primeiros passos e sim, uma questão de qualidade da jazida, pois todas essas joias saltaram-me aos olhos sem que precisasse muito esforço para percebê-las.

Quanto a isto, resta ainda o direito a algumas dúvidas oriundas da maturidade, pois a partir desta, talvez a garimpagem fosse de alguma forma facilitada. Para dirimi-las passo a narrar que na minha origem existiram maçons dos quatro costados, ou seja, havia irmãos nas famílias dos meus quatro avós. Assim sendo, desde cedo, ao completar minha maior idade, recebi diversos convites de parte de parentes, e depois de alguns irmãos de suas respectivas Lojas, provavelmente a pedido deles, para meu ingresso em nossa Instituição.

Convites que sistematicamente agradei e declinei, alegando estar em formação o início de minha vida profissional e que conseqüentemente não era dono absoluto de meu tempo, e sendo assim não poderia assumir compromisso de tal magnitude e talvez por falta de tempo não pudesse honrá-lo. Depois de casado o fato repetiu-se, pois meu sogro e seus irmãos também “tentaram comprar meu passe” e o desfecho acabou sendo o

mesmo. Além disso, havia também outro fator que me fazia assim proceder, a minha extrema rebeldia, entre outras coisas, a hierarquias e rituais.

Essa rebeldia, que nunca foi sem causa, contribuiu em grande parte nesse atraso de mais de trinta anos para meu ingresso na Maçonaria. Por outro lado, ela também muito contribuiu para a percepção de algumas dessas joias por mim já garimpadas. Para exemplificar, citarei da forma mais sucinta possível, o que resultou e ainda está resultando da aparentemente simples utilização de uma expressão de despedida entre mim e meu filho. Presenciada por alguns irmãos ainda antes de minha Iniciação e agora por muitos outros após essa, “te cuida, meu filho”.

Bom, cabe aqui colocar que minha iniciação deveu-se à meu filho, que assim tornou-se também meu irmão e padrinho, a quem carinhosamente agora chamo às vezes de meu Dindo e meu Orador predileto! Quanto meu, que possessivo, mas isto só quem é pai entende... Fácil deduzir-se que inicialmente, de forma bastante egoística, aceitei enfim minha Iniciação para aumentar o tempo de convívio com meu amado filho e fazer frente aos desencontros impostos pelas obrigações e afazeres do mundo profano.

Explicar de forma sucinta a origem da expressão referida, não é fácil. Deve-se ela à época em que foi instituída. Minha geração foi filha da ditadura. E toda vez, após seu final, que presenciei alguém dela falar, ou mesmo eu tentei fazê-lo, inexoravelmente há uma tendência de ficar no ar uma espécie de ranço de parecer-se herói ou mártir de forma desmedida. Assim, quase nunca toco no assunto. Por isso mesmo, a revelação mais detalhada dos fatos que criaram a expressão será efetuada em Loja ao abrigo e conforto da utilização da prerrogativa de falar entre colunas. Aqui, nestas mal traçadas linhas devo dizer que, ainda adolescente, aos doze anos de idade, cursando a segunda série ginásial, e recém-empossado como segundo secretário para assuntos de

esporte (que cargo importante, não?), do grêmio estudantil do colégio em que estudava, nem me havia ainda ambientado direito ao cargo, eclodiu o golpe militar.

Meu amado pai imediatamente teve uma longa conversa comigo, pesando prós e contras dos diversos aspectos daquela situação, a maioria dos quais eu realmente ainda não tinha a menor noção. E do alto da sua ampla, total e irrestrita postura libertária deixou-me livre para decidir como proceder. Encerrando aquela conversa com um olhar intenso de amor e cumplicidade, que só pude sentir, pois entender só consegui depois de também me tornar pai; e piscando o olho com um leve sorriso disse-me “Te cuida, meu filho”! E assim foi até além da minha chegada à faculdade. Toda vez que eu saía de casa, e ele sabia que iria a um encontro ou atividade da política estudantil, para não repetir toda aquela conversa, ele apenas dizia “te cuida, meu filho”.

Pois bem, quando meu Dindo com oito ou nove anos (tirei esta dúvida com o próprio), resolveu candidatar-se à sua primeira eleição, para o cargo de representante da turma de filosofia no ensino básico da escola que estudava, constatei que chegara o momento de rever aquele filme guardado a sete chaves no armário da memória. De forma bem mais leve, pois não vivíamos mais uma repressão armada, conversamos e, naquele momento, foi introduzida então entre nós a expressão. Porém, pelo fato de não lhe contar o passado e também por sua aguçada sensibilidade ter percebido algo especial, começou a retribuí-la, instituindo-se assim uma pequena variação, às vezes fica apenas “te cuida”.

O fato de tratarmos-nos assim, e na maioria das vezes trocarmos beijos nas faces, assim traduzindo o mais puro amor fraternal, filial e paternal, suscitou a percepção dos irmãos de maior sensibilidade para ler nas entrelinhas, apesar de a maioria não ter vivido os tempos de censura, e puderam perceber que ali havia algo mais que um simples cumprimento ou saudação.

E aos poucos também começaram a despedir-se de mim com a expressão e com um beijo; hoje já não posso contá-los nos dedos das minhas mãos, já passam de uma dúzia! Ora meus irmãos, sabemos como isto em nossa cultura é difícil de acontecer. Dos meus quatro avós, três eram russos, vindos de um país onde os beijos entre homens praticamente têm a mesma conotação de um aperto de mãos entre nós.

Posso afirmar que em 61 anos de vida, apesar dessa origem, sempre abracei e beijei, como homens, apenas meu pai e meus irmãos; e três amigos já da época madura, dos quais apenas de um perdi o contato. E só. Nem primos, nem tios e assim por diante. Assim vê-se que estamos vivenciando todo o respeito, carinho e atenção de um verdadeiro amor fraternal.

Assim explica-se, para não me estender demais, apenas uma das muitas joias que já garimpei, que está contida lá no primeiro parágrafo, e chama-se “perfil” do bom maçom.

Posso dizer com muito orgulho e felicidade que encontrei para conviver e trabalhar uma Fraternidade Real. Só resta-me lamentar o tempo perdido, porém o S.:A.:D.:U.: escreve certo por linhas tortas. E também, desejar ardentemente que este convívio fraternal exista em muitas outras Lojas do mundo maçônico.

“Óh! Quão bom e suave é que os irmãos vivam em união”!

Uma escola de vida

Antonio Bencz

Uma dos pontos filosóficos fundamentais da Maçonaria é receber e iniciar os homens de bem e torná-los ainda melhor. Esta crença central no aperfeiçoamento do indivíduo também permeia o retorno deles ao meio social para que haja uma melhoria de toda a sociedade. Como tal, a Organização Maçônica acredita

firmemente no apoio à comunidade na qual ela existe, tanto local, nacional e mesmo internacionalmente. Defendemos e nos dedicamos a uma ampla variedade de instituições de caridade e organizações de juventude, enfocando aquelas nas quais podemos investir e intervir, permitindo a criação de uma via de mão dupla, com a obtenção do apoio da comunidade em geral.

Pessoalmente, posso garantir que minha vida mudou muito com a Iniciação na Maçonaria, em 01 de setembro de 2001. Após isso, percebo que minhas ações me direcionaram ainda mais o bem. Minhas amizades multiplicaram-se, meus relacionamentos familiares e no trabalho aperfeiçoaram-se, ou seja, os princípios da Instituição Maçônica revelaram-se de uma importância incalculável para o meu dia a dia e meu crescimento pessoal, ético, moral e espiritual.

Só pode ser destino!

Ubaldo Cesar Balthazar

O primeiro contato que tive com a Maçonaria ocorreu de forma indireta. Tinha uns doze anos e ouvi, sem querer, uma conversa de “gente grande”. Conversavam meu pai e um primo dele. A conversa era um pouco áspera e, pelo que pude entender, envolvia o fato de o primo pertencer a alguma coisa que “não seria coisa boa”, que meu pai chamava de “seita”. Durante muito tempo fiquei curioso para saber o que seria a tal coisa, pois o primo de meu pai, a quem chamava de tio, era uma das melhores pessoas que conhecia. Era um homem simples, brincalhão com as crianças, sempre tinha uma palavra amiga, e, lá em Criciúma, onde morávamos, era querido e amigo de todos. Tanto que quando morreu, ainda novo (não tinha cinquenta anos), presenciei a um dos sepultamentos mais concorridos da história da cidade.

Meu pai era homem extremamente católico e quando perguntei, tempos depois, o que era aquela “seita” a que o tio pertencia, olhou duro e preferiu não responder. Minha curiosidade ficou mais aguçada. Lembro que no enterro do tio havia alguns homens sérios, com ternos escuros e todos com a mesma cor de gravata. Só fiquei sabendo que eram maçons tempos depois, por meio de um amigo, que disse serem aquelas pessoas bons amigos do tio e que pertenciam à Maçonaria. Nessas alturas, eu com 19 anos, já sabia alguma coisa sobre nossa Ordem, por leituras que fazia. Com a informação, passei a ler mais sobre a Instituição, seus feitos históricos e as críticas que sofria. Descobri que muito do que falavam criticamente era em função da disputa histórica entre a Ordem e a Igreja Católica. Verifiquei que a Maçonaria era envolta em véus de mistério para a maioria das pessoas.

Muitos anos se passaram. Vez por outra ficava sabendo de algum amigo ou conhecido que fulano ou beltrano era maçom. A boa lembrança que tinha de meu tio dava-me a convicção de que a Ordem Maçônica melhorava os homens. Passava a observar os maçons com mais atenção. Ao contrário do que lia em certa literatura e mesmo em conversas de pessoas desinformadas, havia sedimentado a ideia de que ser maçom era algo de bom em si.

O processo de Iniciação na nossa Sublime Ordem foi curioso e, num certo sentido, tumultuado. Diria mesmo que houve a mão do destino. Explico: no verão de 2005 meu dileto amigo Eli Cesconetto perguntou-me se queria ser maçom. Estávamos conversando ao final de um almoço. Fiquei surpreso ao saber que ele o era. Respondi que tinha interesse, mas como a Loja a que ele pertencia era de Tijucas, informou-me que um amigo dele da Capital iria fazer um contato comigo. Quatro ou cinco meses depois, outro grande amigo, Samuel Mattos, fez idêntico convite. Conte para ele que havia sido convidado pelo Eli, ele respondeu que não havia problema, o importante era que eu tinha interesse e que seria iniciado. Disse-me que me traria uns papéis para

preencher. Mas antes que o Samuel trouxesse os formulários, recebi a visita de Rogério Bonassis, a pedido do Eli, com os documentos necessários para iniciar o processo. Disse-me que não tivesse pressa e que voltaria a fazer contato.

Decorreu certo tempo, eu com os formulários preenchidos em minha pasta. No início de 2006, encontro outro querido amigo, Daniel Barreto, fazendo seu Cooper nas proximidades de um supermercado no bairro Santa Mônica. Conversa vai conversa vem, Daniel me pergunta se eu não gostaria de ser maçom. Na hora pensei: “que curioso isso, durante anos só li e ouvi sobre a Maçonaria, e agora, em menos de um ano, recebo três convites!” Conte a história para o Daniel. Ele comentou que isso era destino e disse: “deixe que converso com o Bonassis, tu vais para a minha Loja!”

Fui iniciado em 30 de maio de 2006, tendo como Irmãos gêmeos Daniel Sonaglio, Moacir Marafon e Julio Cesar Frainer. Este, em função de suas atividades profanas, afastou-se da Loja. Posso, porém, afirmar tranquilamente que os três são pessoas formidáveis, notáveis amigos, assim como os demais irmãos que encontrei na Loja. Nesses quase cinco anos de Maçonaria, aprendi mais sobre amizade, tolerância e fraternidade que nos 54 anos anteriores de vida.

Em nossa Ordem encontramos personalidades díspares, homens com distintas formações, posições políticas diversas. Mas é notável que todos tenham em comum o discernimento necessário para compreender o verdadeiro sentido da fraternidade. Uma coisa é repetir o lema (“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”), outra é praticá-lo. Nossa sociedade, discreta, onde encontramos homens livres e de bons costumes, prega a liberdade, fraternidade e a igualdade entre todos os seres humanos, tendo como princípios a tolerância, a filantropia e a justiça. Frequentamos um ambiente fraterno que nos permite concentrar esforços para melhorar nosso caráter, nossa vida mental e espiritual e desenvolver um senso maior de responsabilidade. Almejamos

justiça social, mas dentro de um sentido de irmandade, trabalhando para que os homens vivam no mais profundo respeito uns pelos outros. Sem fanatismos, atuando de boa fé, guiados sempre pelo Supremo Arquiteto do Universo.

Pertencer a essa Ordem e ainda mais, à Loja União Brasileira, atuando dentro desses princípios maiores, me faz sempre melhor. Aos meus irmãos, obrigado por terem me recebido, obrigado por tudo o que tem me permitido crescer, na tolerância e na fraternidade.

Uma bela pescaria

Walter (Urso) Reidy Grams Ribas

Gostaria de dar um pequeno depoimento sobre algo que me aconteceu recentemente. Viajei há pouco tempo com vinte irmãos durante dezesseis dias até o Amazonas, onde fomos pescar e conhecer a selva. Todos do grupo eram irmãos e entre nós havia um todo poderoso irmão que só fazia intriga, colocando um contra o outro, fazendo com que as conversas sempre terminassem em brigas. A todo momento, lá estava ele novamente, botando lenha na fogueira, atijando um irmão contra outro.

Numa das oportunidades, eu o interrompi e perguntei quantos anos ele tinha mesmo de maçom. Ele prontamente me respondeu que tinha 35 anos de Maçonaria. Então falei que ele não tinha entendido nada da nossa Sublime Ordem e que deveria começar tudo de novo, desde o Grau de Aprendiz, para que pudesse desbastar a pedra bruta realmente. Após minha fala, o silêncio reinou na nossa turma.

Daí em diante o irmão mudou de postura e não quis mais saber de intriga. A paz voltou a reinar na nossa turma, e fizemos uma bela pescaria.

Prova de confiança

Augusto Rodrigues de Lisboa

Nestes 11 anos de convívio com os irmãos da Loja União Brasileira, surgiram muitas histórias que poderiam ser contadas, mas separei um caso que ocorreu comigo, envolvendo não diretamente a Loja, mas um Irmão específico.

Não me recordo exatamente em que ano foi, mas na época eu ainda trabalhava como fotógrafo e fui contratado por um irmão da Loja, o Mestre Instalado Ir.: Luiz Augusto para fazer a cobertura fotográfica da festa de comemoração do aniversário de 60 anos de sua esposa.

Tudo correu perfeitamente bem, e no dia combinado fui até o escritório daquele irmão para entregar-lhe o material fotográfico produzido durante a festa e conseqüentemente receber meu pagamento pelo serviço. Levei comigo não só as fotos, mas também um recibo já preenchido com o valor combinado e assinado por mim.

Na hora da entrega, o Ir.: recebeu as fotos, conferiu rapidamente o material, preencheu um cheque no valor que já havíamos previamente combinado e quando eu lhe mostrei o recibo já pronto, ele me deu uma aula sobre como deve ser o convívio entre irmãos, utilizando apenas uma pequena frase - frase esta que me marcou -, e chego a emocionar-me toda vez que lembro da ocasião. A frase foi a seguinte:

— Ir.: Augusto, no dia em que eu precisar de um recibo seu, posso rasgar meu avental.

Penso que a frase dispensa qualquer explicação e exprime em pouquíssimas palavras a grandeza do significado de nos chamarmos de irmãos.

Viajando juntos e ser do bem

Sebastião Maurício dos Santos

Viajando juntos

Iniciei na Loja União Brasileira em 26 de outubro de 2004 apadrinhado pelo Irmão João Roberto Wise, meu cunhado, a quem sou eternamente agradecido. Foram conversas intermináveis, momentos inesquecíveis que antecederam a minha entrada na ordem. Porém inconscientemente a Maçonaria já havia entrado na minha vida bem antes, por volta de 1972 quando soube que meu tio avô era um maçom "homem de bem". Vou editar a história que meu amigo e irmão Carlos Büchele (Carlão) captou e escreveu; ficou tão boa que resolvi transcrever.

Antes vou relatar como tudo culminou para que o Irmão Carlão tivesse a ideia.

Estávamos viajando juntos a trabalho e, como todo maçom que se preza, parte das conversas rolam no mesmo sentido, ou seja, sobre a nossa Ordem. Eu contando a minha história e o Carlão a dele.

O Irmão Carlão conheceu a Maçonaria quando seu pai passou para o Oriente Eterno. Aquele momento foi revelador. Sua mãe disse:

— Filho, espera que os seus tios vem lhe ajudar no que for necessário para o funeral...

Com a chegada de várias pessoas, todas prestando-lhe as condolências e chamando-o de sobrinho, sabendo que só tinha dois tios de sangue, indagou à sua mãe:

— Por que estão me chamando de sobrinho? São parentes que não conheço?

Ao que ela respondeu:

- Na realidade, filho, são seus tios sim, pois seu pai era um ”homem de bem, um maçom.

Assim são as coincidências.

Passados anos, veio o convite para o Irmão Carlão ser iniciado. E hoje estamos juntos convivendo e trabalhando na obra da Maçonaria e contando as nossas histórias.

Ser do bem

Vivemos num mundo de constantes provações. Precisamos justificar a nós mesmos cada passo que damos ao longo de nossa vida, com responsabilidade em prol de uma existência dignificante e exemplar. Esta é a parte que nos cabe em nossa evolução. É necessário respeitar para ser respeitado; dignificar para ser digno; amar para ser amado. Isto é um exercício diário e constante . Quem, em sã consciência, não quer ser lembrado no futuro como uma pessoa exemplar nos seus mais altos princípios de moralidade, deixando exemplos de conduta ilibada, colher os frutos que sempre cultivou nesta nossa passagem neste plano de provações? Sendo assim, só existe uma maneira para alcançarmos essas glórias: ser do bem.

Essa postura - ser do bem - conheci profundamente quando era ainda muito jovem. Guardo na lembrança desse período quando fui solicitado por minha tia avó, Laura Guerreiro Standler, para reorganizar os pertences de seu marido, meu tio, que havia partido para o Oriente Eterno. Após um longo trabalho, organizando tudo o que me foi solicitado, eis que, de repente, caiu em minha frente uma das caixas que ainda não haviam sido abertas. Por ser muito jovem e curioso, comecei a identificar todo o material contido na caixa. Recolhi meda-

lhas, peças diversas, certificados e, com certo espanto, uma capa preta com capuz. Não me contive e perguntei à minha tia Laura do que se tratava tudo aquilo. A resposta foi imediata e sem dúvidas. “Isto que você está vendo é uma prova de que seu tio era uma pessoa do bem”. Marcou-me profundamente a resposta que me foi dada, de forma tão carinhosa e respeitável. Senti que naquele exato momento o coração dela transbordava de orgulho pelo seu ente querido. É evidente que na época fiquei sem entender todo aquele significado. Mais tarde, já tendo conhecimentos bem mais formados, entendi do que se tratava ser maçom. Hoje estou convencido que ser maçom é ser do bem.

Tenho aprendido, ao longo desta jornada maçônica, que tudo o que aqui se pratica é uma busca interminável de conhecimentos, de experiências e a prática do amor fraternal. Aqui somos livres para sermos iguais perante a um Ser Supremo que nos proporciona tantas maravilhas a todos nós. Aquele gesto carinhoso de minha tia ao confessar que seu esposo era um homem do bem, com forte dosagem de orgulho, mostrou-me o caminho do desejo de também “ser do bem”, talvez de forma inconsciente. O importante é que nos dias de hoje, por já ter passados por tantas provações maçônicas, por entender que aqui vivemos em busca de conhecimentos, lapidando a cada dia nossa pedra bruta, é que tenho a esperança de tornar-me um ser do bem.

Para concluir, vivenciei momentos maravilhosos dentro da nossa Loja União Brasileira, culminando com a Iniciação do meu filho de coração, o Ir.: Rafael.

A Maçonaria é escola de líderes e de vida, formadora de homens livres e de bons costumes, dignos de serem chamados de homens de bem.



O segredo maçônico capaz de mudar o mundo

Israel de Jesus Lisboa

Para finalizar, em uma breve síntese, cabe tecer um comentário sobre o famoso segredo maçônico, capaz de mudar o mundo, segundo a imprensa periodicamente sugere e sites da Internet desnorteadamente divulgam.

Foi-nos dado saber que só podemos melhorar o mundo porque começamos por melhorá-lo a partir de nosso próprio interior, cujo princípio de tudo foi o ingresso na Ordem. Porque nosso único e grande poder só atua dentro de nós mesmos. E é só em nosso interior que podemos mudar as pessoas e os acontecimentos. Olhamos em nossos corações, para nossos sentimentos e compreendemos nossas crenças, pensamentos e valores nos quais acreditamos e que geram as atitudes que atraem para nós todos os fatos de nossa vida. E equilibrando e controlando nossos pensamentos e melhorando com a prática maçônica o nível de nossos sentimentos, ficamos em condições para ajudar os outros.

Possuímos uma imensa força que usamos centenas de vezes ao dia: o poder de escolher. Todos os seres humanos são livres para todas as decisões que tomam, desde a compra de um objeto até o destino de uma viagem ou a decisão de parar para ler este texto em comemoração aos 33 anos de fundação da Loja União Brasileira. Escolhemos dessa ou daquela forma porque assim decidimos. E o resultado de qualquer escolha é nossa única e exclusiva responsabilidade. Somos, cada um de nós, individualmente, os únicos

responsáveis pelo que nos acontece e pela forma como acontece. O Supremo Arquiteto do Universo nos dá esse imenso poder de escolher. Porque - lembremo-nos bem disso! - o único acontecimento no mundo que podemos realmente controlar é o que pensamos e sentimos neste exato momento. Eis aí o maravilhoso segredo da existência! Somente nós, seja individualmente ou unidos num pensamento único, temos, além do Supremo Arquiteto do Universo, o poder de controlar e de direcionar nossas vidas.

É a mente humana que faz o Bem, a Felicidade, a Justiça e a Perfeição. Tudo o que o ser humano realiza ou deixa de realizar na vida é o resultado direto de seus pensamentos. Os maçons, sendo homens que cultivam permanentemente a nobreza de caráter e pensamentos sublimes, que são assíduos no convívio com seus irmãos, que sabem conservar-se limpos e puros e que se empenham no cultivo das virtudes, estes se tornarão - com tanta certeza quanto o é a nossa crença na existência do Supremo Arquiteto do Universo - a personificação da beleza, da força e da sabedoria e serão exaltados e bem-aventurados.

Quando encontramos um irmão, sabemos que é como estar ante um espelho; nós nos projetamos nele e os aspectos positivos que percebemos são, na verdade, os nossos próprios, até porque parte de nossa personalidade só conseguimos visualizar quando refletida, projetada em outra pessoa; nosso relacionamento ganha leveza e se expande, porque é o encontro de duas personalidades que se assemelham no caráter e no valor moral. Cria-se um efeito sinérgico, no qual os efeitos combinados excedem a soma dos efeitos individuais e descobrimos que juntos somos muito superiores ao que poderíamos ser sozinhos, o que gera alto potencial de sucesso para tudo o que desejarmos.

O desejo de nosso querido e saudoso Irmão Mário Dezereto da Silva impulsionado pela sinergia, pela egrégora maçônica, pelo sonho bem sonhado tornou-se realidade. Seu ideal na Maçonaria era propagar o Rito Brasileiro no Sul do Brasil, criando

esta Loja União Brasileira nº 2085. Sua obra suplantou seu sonho. Desta Loja originaram-se algumas dezenas de outras Lojas maçônicas do Rito Brasileiro no Estado de Santa Catarina e recentemente uma no vizinho Estado do Rio Grande do Sul.

O justo e perfeito ideal maçônico que renovamos semanalmente em nossas Lojas infalivelmente é alcançado.

A visão maçônica de um mundo fraterno; o desejo sincero de servir à Ordem Maçônica, à Pátria e à Humanidade, aliados à incansável obra de erguer, em nossos espíritos, templos às mais puras virtudes do ser humano: com isso edificamos um mundo melhor, justo e perfeito, nele a fraternidade maçônica habita, e é nele que todos os seres um dia irão conviver.

Entregando a mensagem

Ao encerrar-se esse trabalho, em meu peito o coração, sino de minha alma, qual 2º Vigilante, martela mais alto, chamando meu espírito para mais um abraço fraterno e uma mensagem final.

Nossos familiares, amigos fraternos, convidados especiais e simpatizantes da Ordem estiveram conosco ao longo destas páginas. E qual final de sessão magna, com mesas decoradas, arranjos de flores e um esmerado coquetel a ser servido, o ágape virá na continuidade. Porque os não maçons também entendem a mensagem maçônica de que o alimento do espírito vem primeiro. Afinal, quantos de nós se diriam bem alimentados espiritualmente? Quantos de nós ousariam pedir a Deus que nos tratasse nos próximos 33 anos como tratamos nossos semelhantes nos 33 anos passados?

Por fim...

Prestamos mais uma vez nossa reverência ao Ir.: M.: I.: Sebastião Maurício dos Santos pela coragem de entregar-nos a missão da redação deste livro. O objetivo inicial, com já foi dito, era anotar o registro dos 30 anos de fundação da Loja União Brasileira.

Muitos ainda comentam sobre a beleza da sessão magna de aniversário comemorada numa terça-feira, em 2010, dois dias antes do aniversário de 19 de novembro, dia da Bandeira Nacional e dia da fundação da Loja União Brasileira nº 2085 em 1980. A sessão foi presidida pelo Ven.: M.: da Loja naquele ano maçônico, o Ir.: Sebastião Maurício dos Santos. Líder inquestionável, maçom amado por todos, o Ir.: Maurício imprime para sempre sua marca maçônica em nossos corações com a edição deste livro, semente plantada e germinada em sua gestão, cuidada, protegida e alimentada nas gestões dos Veneráveis Mestres que o sucederam, Irmãos Juliano Kremer e Fernando Zornitta Pimentel, e que agora frutifica

Sabedores, todos nós, de que muitos outros fatos marcantes de nossa história ainda precisam ser contados, deposito aqui minha sugestão para que novos missionários empenhem-se em trazer à luz aquelas histórias que ainda não foram escritas.

Por fim, abraço fraternalmente você, leitor.

Construtores de um mundo melhor

Nominata dos membros da Loja União Brasileira nº 2085, motivação maior da elaboração deste livro:

Sócios cotizantes:

Adriano Tavares da Silva, 15	}
Agenor Piasseski, 1	
Alberto Gonçalves de Souza Júnior, 9	
Alcides Neves Júnior, 4	
Alex Pandolfo, 3	
Alexandre Vitorino, 4	
Alfredo Maurício Neto, 2	

Almir Elci Manoel, 9
André Luiz da Silva Pinto, 1
Antonio Bencz, 33
Antônio da Mata Monteiro, 15
Ari Carlos Rachadel, 15
Arnaldo Emílio da Silva, 2
Ary Rosa Junior, 9
Augusto Rodrigues de Lisboa, 22
Carlos Alfredo Schmidt, 33
Carlos Clóvis Becker, 2
Carlos Roberto Garcia, 14
Clóvis Antonio Willimann Nunes, 4
Daniel Barreto, 33
Daniel Sonaglio, 9
Djalma Machado Jardim Neto, 3
Douglas Santos Brosse, 4
Edson Bibiano de Lima, 1
Edson Pinto Ribeiro, 18
Eduardo Ferreira de Carvalho, 2
Eduardo Ferreira Martins, 4
Eduardo Remos Cidreira, 33
Enrique Alfonso Muñoz Medina, 4
Ervino Renato Scheidt, 33
Fábio Gomes Braga, 15
Fábio Lange Ramos, 1
Fernando Antônio Marinho, 22

Fernando Zornitta Pimentel, 22
Gabriel Mourão Kazapi, 18
Gabriel Silveira Platt, 1
Giani Lee Geremias, 15
Gileno Rodrigo de Mattos Boeira, 1
Giovani Nascimento Sant'ana, 1
Giovani Surdi Debastiani, 3
Guilherme Rodrigues de Lisboa, 33
Gustavo da Silva Guesser, 1
Haroldo José Medeiros da Silveira, 22
Humberto Antonio Waltrick Moraes, 2
Ismael Hardt de Carvalho, 1
Israel de Jesus Lisboa, 33
Ivan Robson Flores, 18
Ivo Borchardt, 26
João Carlos Vicente, 22
João Roberto Wiese, 33
Jorge Ricardo Silva, 26
José Ailto Rosa, 33
José Maria Zilli da Silva, 33
Josué Ledra Leite, 15
Juliano Keller do Vale, 3
Júlio Garreton Sepúlveda, 1
Julliano Clasen Kremer, 22
Leonardo Borchardt, 22
Leonardo Brognoli Lopes e Silva, 9

Luciano Soares de Oliveira Júnior, 22
Luis Fernando Studer, 1
Luiz Augusto Martins, 33
Luiz Cláudio Comarella, 22
Marcelo Bohrer de Almeida, 9
Marcio Maienberger Coelho, 22
Marcos Fantazzini Lima, 9
Marcos Genro de Brum, 3
Marcos Paulo Marcílio, 9
Mário Matias, 3
Mauro José dos Santos, 22
Mauro Luiz de Oliveira, 18
Maykel de Jesus Silva, 19
Moacir Antônio Marafon, 22
Moacir Bandeira Ribeiro, 22
Odair Santos da Cunha, 3
Oldemar José Filipine, 18
Osvaldo Cedório dos Santos Júnior, 22
Paulo César Sanches Ricardi, 22
Paulo Ernani da Cunha Tatim, 19
Radamés Tiago Guerreiro Martini, 1
Rafael Rodrigues Lopes, 4
Raul Natal Garbin, 3
Richard Westphal, 9
Rodrigo Gondim Lóssio, 3
Roger Andrade dos Santos, 9

Ronaldo Cesar Leal, 4
Rui Gabriel Kazapi, 15
Sebastião Maurício dos Santos, 19
Sidney Nazareno da S. Cayres Berber, 2
Sílvio de Freitas Noronha, 18
Thiago Silva Schutz, 2
Ubaldo Cesar Balthazar, 22
Walter Reidy Grams Ribas, 15
Wan Yu Chih, 3
Willian Westphal, 2

Sócios honorários:

Antônio Gouveia de Medeiros, 33
Elmo Bittencourt, 33
Ernesto Luiz da Silva Lecey, 33
Evandro Bandeira Lecey, 33
Ib Silva, 33
João José Amorim, 33
Nei Inocência dos Santos, 33
Ricardo Bandeira Lecey, 26
Wagner Sandoval Barbosa, 33
Walmor Backes, 33

Saiba mais sobre os componentes da Loja União Brasileira e suas atividades acessando <http://www.lojauniaobrasileira.com.br>



Este livro foi composto com
a Fonte Minion Pro 11.5/14.5,
e impresso na Gráfica Elbert

Logo Elbert